

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

LUTANDO POR ESPAÇOS E CONSTRUINDO  
VIVÊNCIAS: O BAIRRO MINAS-BRASIL, HOJE MINAS-  
GERAIS, EM UBERLÂNDIA.

3396 1.9 (9) :Y OLIVEIRA MARQUES

MARLEY OLIVEIRA MARQUES

LUTANDO POR ESPAÇOS E CONSTRUINDO  
VIVÊNCIAS: O BAIRRO MINAS-BRASIL, HOJE MINAS-  
GERAIS, EM UBERLÂNDIA.

Monografia apresentada ao Curso de  
Graduação em História, do Instituto  
de História da Universidade Federal  
de Uberlândia, como exigência parcial  
para obtenção do título de Bacharel  
em História, sob a orientação da  
Profa. Dra. Heloisa Helena Pacheco  
Cardoso.

Uberlândia, Setembro de 2006.

MARLEY OLIVEIRA MARQUES

LUTANDO POR ESPAÇOS E CONSTRUINDO  
VIVÊNCIAS: O BAIRRO MINAS-BRASIL, HOJE MINAS-  
GERAIS, EM UBERLÂNDIA.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Heloisa Helena Pacheco Cardoso-Orientadora

---

Prof. Ms. Sheille Soares de Freitas

---

Prof. Ms. Maucia Vieira dos Reis

## Dedicatória

Eu agradeço a Deus por Ele ter-me dado a oportunidade de cursar o curso de História na UFU pois foi algo que eu pleitei muito com Deus. Inclusive, foi nesta época que eu tive um **encontro** com Jesus. Eu agradeço a Deus porque ELE tem sido o meu amparo, o meu amigo, o meu consolador, a minha esperança, a minha fortaleza; ELE tem sido **O MEU DEUS**. Eu agradeço porque se eu cheguei até aqui foi porque o Senhor me ajudou. Eu agradeço a Deus por estar entre o povo assembleiano, um povo simples e caloroso. Mas sobretudo, agradeço a Deus por fazer parte desde então da igreja do Senhor Jesus nesta terra.

Gostaria de nesta oportunidade, deixar uns versículos bíblicos para sua reflexão: Em 1 Co 1:18 está escrito: “ Porque a Palavra da cruz é loucura para os homens que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus. Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação. Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Como isso é sério, pois em Lc 20:17B está escrito: “ A pedra que os construtores **rejeitaram**, esta veio a ser a principal pedra, ANGULAR(Cristo Jesus). Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó. E, em Mc 6:6 está escrito: (Jesus pregando em Nazaré). “Admirou-se da incredulidade deles. Contudo, percorria as aldeias circunvizinhas, a ensinar.” E, ainda vemos que em Jo 8:36 está escrito: “Por isso, quem **crê** no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde **contra o Filho** não verá a vida, mas sobre ele permanece a **ira** de Deus. Em Gn:3:8☹(Depois da **queda** do homem) “

Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim pela viração do dia, **esconderam-se** da presença do Senhor Deus, o homem e a sua mulher, por entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus ao homem e lhe perguntou: **Onde estás?** Depois, temos em Jo3:16: "Porque **Deus amou ao mundo** de tal maneira que **deu o seu filho unigênito**, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." Se alguém tem ouvidos, ouça o que Deus está dizendo na sua Palavra.

## Agradecimentos:

Quero agradecer ao representante da Associação do Bairro Minas-Gerais, da gestão 2002-2005, Rodi Ney Borges, por ter confiado a mim vários documentos sobre a história do seu bairro. Por ter feito isso, ele sofreu algumas críticas dos próprios moradores do bairro, devido eu não ser moradora do lugar. Mas, esses documentos foram muito importantes para desenvolver esta pesquisa. Ainda bem que eu cheguei a tempo porque as traças estavam acabando com eles.

Quero também agradecer a Heloisa que aceitou me orientar nesta Monografia, embora já estivesse cursando Monografia II. Contudo, para mim foi um privilégio ter você como Orientadora, não apenas por ser Coordenadora do curso de Pós-Graduação da História, mas principalmente pela sua pessoa.

Gostaria também de agradecer as pessoas que aceitaram o convite para fazer parte da banca examinadora. À Sheille Soares de Freitas e Maucia Vieira dos Reis.

Muito obrigada!! E, que Deus os recompense!!

## SUMÁRIO

|                                                                                                             |           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Considerações Iniciais.....                                                                                 | 8         |
| Capítulo I.                                                                                                 |           |
| <b>O Bairro Minas-Brasil: seus moradores e as lutas da Associação para<br/>constituição do espaço .....</b> | <b>20</b> |
| Capítulo II.                                                                                                |           |
| <b>Os problemas advindos da formação irregular do Bairro Minas-<br/>Brasil.....</b>                         | <b>61</b> |
| Considerações Finais.....                                                                                   | 90        |
| Bibliografia.....                                                                                           | 93        |
| Fontes.....                                                                                                 | 95        |

## Considerações Iniciais

O início da pesquisa sobre a história do bairro ocorreu através de um trabalho realizado por mim e mais três pessoas para a igreja Assembléia de Deus, num evento conhecido como Ação Global (que são profissionais liberais que se disponibilizam em prestar serviços sociais voluntários à comunidade). Alguns desses serviços são: odontológicos, de enfermagem, de artesanato, dentre outros. É um evento e/ou um dos projetos realizados pela União das Mocidades das Assembléias de Deus de Uberlândia e Campo (UMADUC).

Por sorteio foi escolhido o bairro Minas-Gerais para ser realizado o evento da igreja. Das setenta congregações existentes em Uberlândia ligadas ao ministério das Assembléias de Deus da Missão, foi escolhido esse bairro por ter uma de suas congregações instaladas ali. Então o meu grupo ficou responsável por trabalhar com a história do bairro Minas-Gerais, que foi formado em 1996 pelos bairros Marta-Helena II e Umuarama II, juntamente com o Minas-Brasil.

Ao iniciar este trabalho recorri a Biblioteca Municipal de Uberlândia na esperança que pudesse lá encontrar fontes que me auxiliassem no trabalho, porém não encontrei documentos referentes ao bairro Minas-Gerais.

Então, na primeira visita que fizemos ao bairro Minas-Gerais contatamos com o representante da associação do bairro, Rodi Nei Borges, para que ele nos ajudasse neste trabalho. Sua participação foi fundamental porque ele se dispôs a nos auxiliar. Como morador e presidente da Associação do Bairro, hoje conhecido como Minas-Gerais, ele nos indicou e acompanhou-nos às residências dos primeiros fundadores do bairro Minas-Gerais, outrora Minas-Brasil, Marta Helena II e Umuarama II. Desta forma, realizamos oito entrevistas orais com os moradores destas regiões.

Portanto, o meu interesse em trabalhar com a história do bairro Minas-Brasil, hoje Minas-Gerais, surgiu deste trabalho e também com o contato ou conhecimento que passei a possuir do bairro. A disponibilidade de documentos, como atas e jornais de época, um material rico a ser explorado, contribuiu para o meu interesse nessa temática. Como estudante de história, minha sensibilidade e curiosidade foi aguçada a fim de dar sequência à pesquisa. Embora minhas indagações não se constituíssem em questões novas para a historiografia local, como pude constatar no acervo da Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia e no Centro de Documentação e Pesquisa em História(CDHIS), sobre a temática, a questão da produção do espaço urbano, a partir do estudo de bairro, abria possibilidades de uma pesquisa voltada para a compreensão dos sujeitos sociais na sua busca pelo pertencimento à cidade.

O bairro Minas-Brasil se tornou o Minas-Gerais a partir de 1996, abrangendo desde então um espaço maior e, conseqüentemente, tendo um contingente populacional maior. Essa foi uma medida tomada pela Prefeitura, no início dos anos noventa, para facilitar a administração da cidade, isto segundo o BDI(Banco de Dados Integrados) da Divisão de Planejamento Social da Prefeitura.<sup>1</sup> Mas, esta pesquisa vai se restringir ao espaço do antigo bairro Minas-Brasil, que foi incorporado ao Minas Gerais. O espaço geográfico pesquisado é pequeno, compreendendo sete avenidas e onze ruas, mas ele é entendido aqui como o lugar onde seus moradores construíram suas lutas para ali permanecerem e suas relações, tanto com os moradores de outros bairros, como com o poder público.

O recorte cronológico (1978-2000) foi pensado acompanhando a temática e as problemáticas que foram surgindo ao longo da pesquisa realizada para este trabalho de monografia. Estas problemáticas

---

<sup>1</sup> [www.uberlandia.mg.gov.br/BairrosIntegrados](http://www.uberlandia.mg.gov.br/BairrosIntegrados). BDI ( Banco de Dados Integrados). Acesso em Setembro de 2005. O Minas-Gerais tem aproximadamente seis mil habitantes, segundo Dados Popacionais da Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano ( SEDUR), Divisão de Planejamento Social, estimativa de 2002.

estarão sendo explanadas mais à frente gradativamente. Em 1978, o primeiro morador se fixa no bairro. E, posteriormente, em 1998 e 2000, segundo os moradores do bairro, ocorreram mais intensivamente duas “invasões”, respectivamente. Segundo a moradora Ilma Maria de Jesus,<sup>2</sup> essas invasões ocorreram mais nessa época porque os membros da Associação de Bairro, juntamente com os moradores, utilizaram algumas vezes os meios de comunicação para resolver os problemas pendentes do bairro. Essa forma de atuação ocorreu mais no início dos anos noventa, repercutindo na sociedade, pois isso foi um dos fatores que deu ensejo ao processo mais intensivo de ocupação do bairro. Além disso, outros fatores que contribuíram para essa questão no bairro foi o fortalecimento do Movimento Sem Terra na região do Triângulo Mineiro, e outro, que não posso deixar de mencionar aqui devido a sua importância, foi a existência do Parque Industrial, localizado nas proximidades do Bairro Minas-Brasil. Portanto, considero estes fatos relevantes para a história e para a vida desta coletividade, propondo-me neste trabalho abordar essa questão como um dentre os fatores resultantes da formação irregular do bairro Minas-Brasil.

No desenvolvimento do trabalho que realizei para a igreja, a história do bairro Minas-Gerais, através das entrevistas orais, observei, pela fala dos moradores, que a Associação de Bairro teve um grau de importância considerável para a formação e desenvolvimento do antigo bairro Minas-Brasil, pois na época os moradores viviam em condições muito precárias. A Associação foi um instrumento de luta que eles utilizaram para buscar melhorias para o bairro. Além disso, manuseando as Atas das Associações das antigas regiões que hoje compreendem o Bairro Minas-Gerais, observei que muitas delas se referiam a antiga Associação do bairro Minas-Brasil. Por esses, e outros motivos que serão explanados a seguir, decidi eleger para um de meus capítulos, nessa monografia, falar sobre a atuação da Associação de Moradores do

---

<sup>2</sup> Ilma Maria de Jesus, moradora do bairro há dezesseis anos, com residência na rua do Paiol, n.1653. Foi presidente da Associação do bairro Minas-Brasil em 1996, cuja profissão é doméstica. Sendo natural de Dolores do Indaiá, próximo à Belo Horizonte. Com data de nascimento em 08 /05/ 1961. Entrevista realizada em setembro de 2005.

bairro Minas-Brasil. Isto porque a história desta Associação está diretamente relacionada com a formação e desenvolvimento do Bairro Minas-Brasil, como observei pela fala dos moradores deste bairro.

A Associação de Moradores passou a existir oficialmente em 1986, segundo o Estatuto da Associação de Moradores do Bairro Minas-Brasil, com registro no Cartório de Registro de Títulos e Documentos-Comarca de Uberlândia. No entanto, o bairro já existia desde 1978, segundo depoimento da primeira moradora do bairro: Maria da Conceição de Freitas Ferreira. Durante esses anos todos os moradores enfrentaram muitas dificuldades devido a inexistência de infra-estrutura no bairro.

Como mencionei, de 1978 à 1996, a comunidade do bairro Minas-Brasil viveu em condições precárias, tendo os moradores que carregar água nos carrinhos de mão, pois não havia rede instalada, não existia rede de esgoto; tanto é que os moradores utilizavam fossa sanitária para fazer suas necessidades; existiam lixo acumulados nos terrenos baldios, as ruas não tinham sido abertas e eram cheias de buracos; não existia armazém para os moradores fazerem suas compras, não havia transporte coletivo. O mapa espacial do lugar era um cerradão, as casas que foram construídas na época eram de dois cômodos. Diante de todo esse contexto, surgiu a Associação de Moradores do bairro. Daí, a importância dela na história e neste trabalho, para mim e para os moradores do bairro Minas-Gerais.

Na verdade, a vida desses moradores sempre foi difícil, de luta mesmo, como eles costumam expressar nos seus depoimentos. Pois foi somente em 1995 que o bairro conseguiu a pavimentação de suas ruas empoeiradas e muitas vezes lamacentas. O mesmo podemos dizer com relação a educação. Pois foi só em 2004 que a Prefeitura inaugurou uma escola no bairro, que ainda não tem o segundo grau para os jovens estudarem. Até recentemente, as mães tinham que se deslocar para o Bairro Industrial para levarem seus filhos para a escola. Nesse percurso

tinham que atravessar um corredor comprido conhecido como beco, que as deixavam apreensivas, porque não tinham visibilidade do outro lado, ocasionando o medo de malandros.

Estes foram empecilhos que dificultavam muito a vida dos moradores do bairro. Além disso, o Minas-Brasil estava mais isolado dos bairros vizinhos devido sua localização, pois ele se localizava entre duas avenidas. De um lado, ele é cortado pela avenida José Andraus Gassani; e do outro, pela avenida Professora Minervina Cândida Oliveira, próximo aos bairros Nossa Senhora das Graças, Marta Helena e Umuarama. Constituindo-se assim num bairro mais isolado e distante dos outros, devido ao traçado urbano e à sua localização.

Através dos depoimentos de um dos moradores,<sup>3</sup> no final da década de setenta vieram para o Marta Helena II e o Minas-Brasil muitas famílias deslocadas da favela próximo à linha de trem de ferro Mogiana, que foram assentadas nestas regiões. Esse fato nos dá uma idéia de como estava a questão social e econômica de Uberlândia nesta época. Como podemos constatar, no final da década de setenta, um dos problemas sérios que a cidade enfrentava era o déficit habitacional. Isso foi consequência também do aumento populacional que ocorreu mais intensivamente nesta época. Porque nesta época foi tecida uma malha rodoviária que ligou Uberlândia a quase todo o país, facilitando a expansão das atividades comerciais. Além disso, foi criada nesta época em Uberlândia, a Cidade Industrial, que é bem próximo ao bairro Minas-Brasil. E, além desses fatores, ainda ocorreu nessa época o desenvolvimento da mecanização no campo. Em Uberlândia, por exemplo, desenvolveu-se o cultivo de soja para exportação. Isso provocou um exôdo rural e um inchaço urbano que foi decorrente das intensas migrações nesse período.

---

<sup>3</sup> Sebastião Augusto da Silva. Data de Nascimento: 01/08/1943. Aposentado. Entrevista realizada em agosto de 2005.

Esses problemas sociais que surgem em Uberlândia na década de setenta estão relacionados ao Programa Nacional de Desenvolvimento Econômico, da década de cinquenta, no governo de JK, conhecido como Plano de Metas. Foi através deste que ocorreu uma intensa industrialização no Brasil, com a instalação de várias multinacionais. Em decorrência disso, intensificou-se a desigualdade social, gerando problemas sociais graves, como o déficit habitacional, o aumento de favelas na cidade, a dificuldade de pagar aluguel, de morar, de sobreviver; devido aos baixos salários e ao desemprego.<sup>4</sup> Todo esse período de mudanças que a sociedade estava vivendo contribuiu para agravar ainda mais a situação das populações pobres em Uberlândia.

Por outro lado, os grupos dirigentes da cidade de Uberlândia tornavam esses problemas mais críticos quando utilizavam a política habitacional popular para eliminar as crises econômicas, valorizando o capital e o crescimento econômico da cidade. Essa questão foi muito bem trabalhada por Beatriz Ribeiro Soares na sua dissertação de mestrado, intitulada *Habitação e a Produção do Espaço em Uberlândia*.<sup>5</sup> Em Uberlândia está muito presente este jeitinho brasileiro de barganha, de troca de favores, de influência, para não dizer de cumplicidade do poder público com a classe dominante, questão também trabalhada por Soares, além é claro da questão habitacional. Nessa dissertação a autora destaca que os projetos habitacionais elaborados pelo poder público para "atender" as populações pobres na década de setenta, propiciaram as condições para a valorização do capital das empresas imobiliárias, excluindo essa parcela da população que muitas vezes não tinha condições de participar dos processos seletivos existentes na época, na área habitacional.

---

<sup>4</sup> Sobre o governo JK, ver entre outros: BENEVIDES, M. V. M. *O governo Kubitschek (1956-1961)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. SINGER, P. "Interpretação do Brasil: uma experiência histórica de desenvolvimento". In: FAUSTO, B. (org.). *O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964)*. São Paulo: DIFEL, 1984, P.211-245(HGCB). FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1995.

<sup>5</sup> Soares, Beatriz Ribeiro. *Habitação e Produção do Espaço Urbano em Uberlândia*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Geografia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

Um outro trabalho que contribuiu para eu pensar a formação da cidade e dos bairros em Uberlândia foi o de Maucia Vieira dos Reis com o título: *Entre Viver e Morar: Experiências de Moradores de Conjuntos Habitacionais*, enfocando o Santa Luzia e o Segismundo Pereira, nas décadas de oitenta e noventa.<sup>6</sup> Ela se propôs a fazer uma reflexão sobre os significados da política habitacional dos anos oitenta e noventa na cidade de Uberlândia. A autora afirma que, para os moradores desses conjuntos, ter casa era um sinal de pertencimento à cidade. Pelo contato que a autora estabeleceu com os moradores, através das entrevistas orais, ela observou disputas acirradas pelo espaço, pelo lugar de morar.

Tanto o trabalho de Maucia Vieira dos Reis quanto de Beatriz Ribeiro Soares contribuem para esta monografia. Na questão habitacional e no processo de urbanização da cidade, que são colocados por elas como quase sempre interligados, há uma lógica do capital, dos interesses de grupos dominantes, como empresas imobiliárias, políticos, setor público e fazendeiros. Isso vai gerar uma série de disputas pelo espaço, pelo lugar de morar, como nos mostrou o trabalho de Maucia Vieira dos Reis. Há também uma segregação sócio-espacial e problemas urbanos sérios para os mais pobres, que ficam assim marginalizados ou excluídos da sociedade e da cidade, como nos mostrou o trabalho de Beatriz Ribeiro Soares.

O que estava ocorrendo na década de oitenta na cidade de Uberlândia era um conflito de classes acirrado. Tanto é que a cidade, em 1983, elege um candidato para prefeito do PMDB, o que foi inovador do ponto de vista do processo político de Uberlândia. Isso foi em decorrência dos problemas sociais advindos das políticas excludentes de governantes anteriores, que agravaram bastante a situação social pelo aumento de favelas na cidade, pela existência de bairros periféricos sem nenhuma infra-estrutura, pelo déficit habitacional, inflação alta, altos

---

<sup>6</sup> Reis, Maucia Vieira dos. *Entre Viver e Morar: Experiências de Moradores de Conjuntos Habitacionais – Uberlândia -1980-1990*. Dissertação de Mestrado em História, UFU. 2000.

aluguéis; “e, devido a uma especulação do capital sobre o espaço urbano consentido e explorado pelo próprio poder público da cidade”.<sup>7</sup>

Uma perspectiva bem diferente sobre a constituição do espaço urbano da cidade de Uberlândia é o trabalho de Rosângela Maria Silva Petuba, numa dissertação de mestrado com o título: *Pelo direito à cidade. Experiências e luta dos ocupantes de terra do bairro Dom Almir*,<sup>8</sup> na década de noventa a dois mil. A sua problemática foi a luta pela posse da terra urbana no parque São Jorge IV. A contribuição do seu trabalho aqui é que a cidade emerge dos trabalhadores, portanto, segundo ela, a cidade também é dos trabalhadores, “porque , em sua luta, está em jogo o direito a ela, e nela eles estão em constante movimento, redesenhando-a e redefinindo-a.”<sup>9</sup> Para isso os trabalhadores tiveram que se mobilizar, se organizar para fazer o bairro e/ou a cidade. É muito importante esta dissertação para esta monografia porque a realidade enfrentada pelos trabalhadores do Parque São Jorge IV foi muito semelhante aos problemas enfrentados pelos moradores do antigo Minas-Brasil.

Por isso, um dos meus capítulos na monografia vai tratar da atuação da Associação de Moradores do Bairro Minas-Brasil, que surgiu oficialmente desde 1986. Foi formada majoritariamente por mulheres, porque os homens ou seus maridos não dispunham de tempo para participar pois estavam no serviço. Provavelmente estas mulheres eram do lar.

Através da dissertação de mestrado de Nízia Alvarenga sobre as Associações de Moradores em Uberlândia, na década de oitenta;<sup>10</sup> pude

---

<sup>7</sup> Soares, Beatriz Ribeiro. *Habitação e Produção do Espaço Urbano em Uberlândia*. São Paulo: Dissertação de (Mestrado em Geografia) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998, p.103.

<sup>8</sup> Petuba, Rosângela Maria Silva. *Pelo direito à cidade: Experiências e luta dos ocupantes de terra do Bairro Dom Almir – Uberlândia 1990-2000*. Dissertação de Mestrado em História, UFU, 2001.

<sup>9</sup> Idem, idem, p.24.

<sup>10</sup> Alvarenga, Nízia M. *As Associações de Moradores em Uberlândia: Um estudo das práticas sociais e das alterações nas formas de sociabilidade*. Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo, 1988.

entender como as associações surgiram em Uberlândia. Segundo ela, as populações pobres começam a se organizar em Associações de Moradores a partir de 1978, por estímulos externos aos bairros, tais como: órgãos financiadores, organizações de igreja e por incentivos dos partidos políticos interessados em bases eleitorais, inclusive com o programa de governo do então candidato a prefeito, Zaire Rezende, conhecido como Democracia Participativa.

No entanto o que será analisado na Associação de Moradores do Bairro Minas-Brasil é o papel que foi exercido por ela no desenvolvimento do bairro. Qual foi a importância dela como instrumento de luta para a comunidade se mobilizar e desenvolver; porque os moradores do bairro decidiram se organizar em torno de uma associação, o que moveram os moradores para se engajarem nessa luta; quem eram essas lideranças; porque resolveram lutar pelo desenvolvimento do bairro, quais eram as suas perspectivas de vida até então; que desafios os moradores tiveram que enfrentar para alcançar melhor qualidade de vida para si e melhorias para o bairro. Portanto, pensando nestas questões, que projetos eles tinham para desenvolver o bairro e como passaram a se organizar desde então. Dessa forma, como podemos caracterizar a atuação da Associação de Moradores do bairro Minas-Brasil, isto é, as suas formas de luta e/ou reivindicações que os moradores utilizaram para sair das condições precárias em que viviam.

As pessoas que migraram para o bairro Minas-Brasil, muitas delas vieram de outros estados e cidades do interior. Embora esses migrantes fossem vaqueiros, serventes, trabalhadores de chapa, parece-me que as dificuldades, tais como, instrução escolar, não os impediram de lutar por melhorias no bairro. Pois para virem para Uberlândia eles estavam procurando outras alternativas, ou estavam em busca de melhores oportunidades.

Outra das minhas questões-problema nesta monografia trata dos problemas advindos da formação irregular do bairro Minas-Brasil. O meu

questionamento no segundo capítulo da monografia será em relação aos problemas gerados na produção do espaço urbano do bairro Minas-Brasil, devido a origem irregular do bairro. Isto causou, e vem causando, muitos transtornos para os moradores. Uma questão relevante é buscar como ocorreu o loteamento e a venda dos lotes aos moradores, Já que a Prefeitura, na época, não aprovou ou não entrou em acordo com os proprietários da fazenda sobre a legalização do loteamento dos terrenos no bairro Minas-Brasil. Portanto, aí entra outra questão, por que a Prefeitura não aprovou ou não legalizou o loteamento dos terrenos neste bairro, no final da década de setenta, que foi quando surgiu o bairro? Também tratarei do problema da legalização das escrituras; problema este que teve início desde o povoamento do bairro, em 1978, com o primeiro morador e que continua pendente até os dias atuais. Discutirei como surgiu este problema no bairro; quais os impedimentos que existiam na época que dificultavam os moradores a receberem as suas escrituras e quais as possibilidades que têm hoje os moradores para resolver tal assunto. Dentro desse leque de questões também vou estar discorrendo sobre as ocupações de terrenos que ocorreram no bairro por volta de 1998 e 2000. Sabemos que o atual desenvolvimento urbano do bairro tem sofrido com estes problemas, já que existem muitas pessoas novas vindo para a região e, em decorrência disso, o número de moradores cresce cada dia mais.

Esta monografia está organizada em dois capítulos. O primeiro capítulo é intitulado *O Bairro Minas-Brasil: seus moradores e as lutas da Associação para constituição do espaço*. Neste, trato do diálogo dos moradores com o poder público, a Prefeitura de Uberlândia, e as formas de atuação dos moradores para desenvolver o seu bairro. As fontes que dão sustentação às minhas reflexões incluem Atas das Associações dos bairros Minas-Brasil, Minas-Gerais e Umuarama II, jornais, correspondências, ofícios, contratos.

No segundo capítulo, intitulado *Os problemas advindos da formação irregular do bairro Minas-Brasil*, abordo sobre os

posicionamentos dos envolvidos na questão, tais como, os antigos donos dos loteamentos que deram origem ao bairro, a atuação da Prefeitura na questão da regularização do bairro e os problemas cotidianos com relação ao espaço urbano do lugar devido a formação irregular dele. Lido neste capítulo com vários documentos emitidos pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, jornais, atas da Associação do Bairro, correspondências, ofícios, contratos e o laudo do processo judicial do Minas-Brasil em tramitação no Fórum.



Bairro Minas-Gerais, Rua Ceres  
Arquivo Marley Oliveira Marques - 2006.



Bairro Minas-Gerais, Rua Manoel Bacmam.  
Arquivo Marley Oliveira Marques - 2006.

## Capítulo 1

### O Bairro Minas-Brasil: seus moradores e as lutas da Associação para constituição do espaço.

"Há um conjunto de sentidos aos quais somente a voz, com suas arbitrariedades, consegue dar vida. Ou melhor, a fala só possibilita interpretações sobre a cultura do depoente se for entendida como aquilo que dá vida aos signos, atribuindo-lhes infinitos significados enraizados sempre na experiência do narrador. Contudo, nosso desafio como pesquisadores é trazer esses diferentes sons para o mundo das palavras."<sup>11</sup>

Este primeiro capítulo da monografia trata da organização dos primeiros moradores do Bairro Minas-Brasil, que caracterizarei como uma pequena comunidade, carente de infra-estrutura básica que as pessoas necessitam em um perímetro urbano, então em formação, para viver dignamente. Essa região foi caracterizada pela fala dos moradores como um "cerradão" na época. Hoje, ainda, considero essa região como distante, isolada dos bairros vizinhos, e principalmente do centro da cidade. Mas, naquela época, anos 70, que lonjura! Que dificuldade deveria ser para os seus moradores! Pois se precisassem de um atendimento médico, policial, importantes no dia-a-dia, os moradores não dispunham, porque não havia sequer um telefone público nas suas imediações, e nem um armazém para abastecer suas despensas. Tentei, através de seus relatos, observar como os moradores viviam naquela

---

<sup>11</sup> RIOS, Kênia Sousa. "A Seca nos atalhos da oralidade," In: *Revista Projeto História*. São Paulo: Educ, n.22, junho/2001, p.300.

época, como eles se posicionavam, se organizavam, reagiam diante do mapa urbano caótico enfrentados por eles.

Entrevistamos basicamente mulheres, questionando quem eram essas pessoas, como se posicionavam e se mobilizavam frente a realidade segregacionista sócio-espacial em que estavam vivendo. Reitero que a organização dos moradores em torno de uma Associação foi formada basicamente por mulheres, porque os homens estavam trabalhando, isto é, não dispunham de tempo para “correr atrás” “de melhorias para o bairro. Além das mulheres, encontramos alguns aposentados. Nessas entrevistas vou me deparar com lutas, dificuldades, vitórias, fracassos, egoísmos, sentimentos, barreiras, projetos, frustrações, cansaços, de pessoas que estavam à frente de um projeto de sobrevivência e por dignidade. Nos seus depoimentos pude perceber, às vezes, tristezas, frustrações, no momento de rememoração dos acontecimentos passados relacionados a atuação das primeiras moradoras na direção da Associação do Bairro. Mas não devemos esquecer também que para elas, àquela época, foram momentos difíceis, demonstrados principalmente, em gestos isolados, nos raciocínios inacabados ou desconsiderados, frente ao que foi mais difícil lembrar ou o que foi mais difícil admitir nas suas lembranças. Além destas evidências pude vislumbrar onde estavam os empecilhos ou barreiras, tanto por parte das entrevistadas como por parte do poder público, quando foi ficando mais claro a resistência dos moradores diante da sua situação, cobrando ou incomodando o poder público. Como ocorreu este diálogo na época? Isto é, qual foi a postura, o tratamento do poder público para com esses moradores, para com a sua situação, com relação as suas reivindicações por infra-estrutura no bairro, e também por educação, por escola no bairro, entre outras questões. Em todos os problemas enfrentados por eles, quero entender como se colocaram, como eles foram discutidos ou projetados nas suas lutas no cenário sócio-político-urbano, no decorrer de todos esses anos, e, sobretudo, no período que compreende esta pesquisa.

O meu intuito neste capítulo é ressaltar a formação do bairro, e como isso ocorreu. E não cobrar dessas mulheres o que elas não podiam oferecer, quando resolveram lutar para desenvolver o seu bairro. Dizendo isto, não estou desconsiderando sua formação política. Pelo contrário, eu quero é ressaltar suas iniciativas e as suas formas de luta. Se suas formas de luta foram politizadas ou não, não entra em questão neste trabalho. Mesmo porque essas mulheres eram do lar. Além disso, suas situações econômicas não eram favoráveis. Porque no Brasil não se tem uma consciência ou politização amadurecida que nos dê o direito de cobrar isso das pessoas. Pelo contrário, acho até que temos que valorizar essas iniciativas. No entanto, isso não nos impede de fazermos comentários, reflexões e análises sobre as suas formas de atuação. Desta maneira, através destas questões poderemos vislumbrar múltiplos pontos de vista. Alguns mais otimistas, outros mais pessimistas. E assim a história vai se construindo e vemos um bairro e/ou uma cidade se constituindo no tecido urbano através das ações dos seus sujeitos históricos.

A fim de construir esse trabalho, abordando um pouco sobre o nosso ofício de historiadores, gostaria de deixar aqui uma reflexão de Yara Aun Khoury:

*“Abordando a história como um processo construído pelos próprios homens, de maneira compartilhada, complexa, ambígua e contraditória, o sujeito histórico não é pensado como uma abstração, ou como um conceito, mas como pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente, num processo em que as dimensões individual e social são e estão intrinsecamente imbricadas.”<sup>12</sup>*

Porque a História é construída pelos próprios sujeitos sociais numa intrincada teia de relações sociais que, na maioria das vezes, ocorre de forma contraditória. Utilizamos os testemunhos orais para vislumbrar

---

<sup>12</sup> KHOURY, Yara Aun. “ Narrativas orais na investigação da história social ”, In: *Revista Projeto História*. São Paulo: Educ, n.22, junho/2001, p.79.

essas questões e como o espaço urbano é construído pelos homens. É claro que na construção do espaço urbano, há a disputa, por outros sujeitos, pela apropriação desse espaço. Mas devemos destacar aqui quem são os maiores responsáveis por esse espaço existir hoje. Por isso, a contribuição dos documentos orais tem permitido também à História adentrar mundos que outrora eram inexplorados pelos historiadores e que têm chegado ao nosso conhecimento hoje através desses relatos.

Ao realizar as entrevistas de campo não utilizei um questionário fechado; mas não deixei de me deter em questões que me aguçaram mais a curiosidade. Não escolhi antecipadamente as pessoas que seriam entrevistadas. Isso é relativo. Passei algumas vezes pelo bairro. Um bairro desconhecido para mim. Fiz várias entrevistas. Acho que deveria ter feito mais. Nesse ponto eu discordo de alguns historiadores quando falam que poucas entrevistas são suficientes para construir um bom trabalho historiográfico. Neste primeiro capítulo trabalhei com entrevistas realizadas com membros da Associação de Moradores do Bairro Minas-Brasil, denominado por eles como Ambamib. As pessoas que foram entrevistadas, geralmente fizeram parte da presidência da Associação por alguns anos. Na perspectiva de Bom Meihy: “

*“Por meio da história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais e discriminadas, principalmente mulheres, índios, homossexuais, negros, desempregados, além de migrantes, imigrantes, exilados, têm encontrado espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias. Logicamente as elites também podem ser objeto de atenção, como vem sendo, mas de modo geral a história oral tem dado espaços, preferencialmente, a aspectos ocultos das manifestações registradas.”<sup>13</sup>*

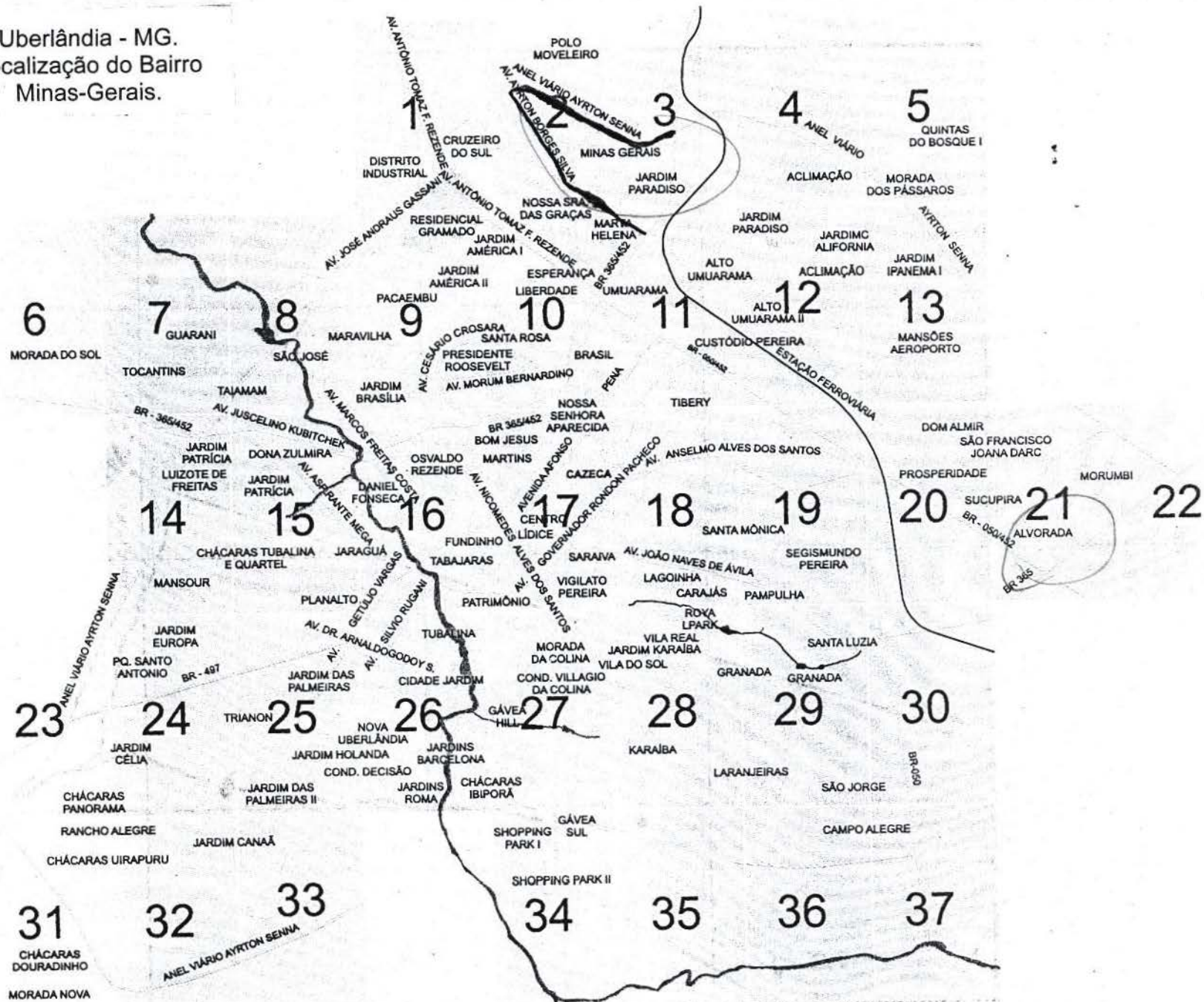
---

<sup>13</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. Revista e Ampliada. Edições Loyola. São Paulo, maio de 1998, p.11.

O Minas-Gerais, segundo a Secretária Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano-Sedur, com dados de 2002, está localizado no setor norte de Uberlândia, ocupando uma área de 3,285 km<sup>2</sup>, com número de domicílios em torno de 1.588. O bairro tem hoje aproximadamente 6000 habitantes, a faixa etária que considere expressiva numericamente em relação às outras são as que estão entre 20 à 24 anos e as entre 40 à 49 anos, respectivamente apresentando os índices de 651 e 700 pessoas aproximadamente, nessas faixas etárias.

A nossa pesquisa delimita uma área restrita, conhecida como a região do antigo Minas-Brasil, este é formado por aproximadamente cinco avenidas e por seis ruas. Este traçado retangular do mapa espacial do lugar ora em estudo inicia-se na rua Silvio Romero descambando até a avenida Manoel Bacman. Nas suas laterais é delimitado pelas ruas do Silo, denominado pelos moradores de Muro do Arcon, e no seu oposto está a rua Alexandrino Garcia. Nos mapas abaixo podemos observar a localização do Minas-Brasil no espaço urbano da cidade e o traçado espacial do bairro:

Uberlândia - MG.  
Localização do Bairro  
Minas-Gerais.



FONTE: Guia Sei, 2006 - 2007.

# MINAS GERAIS

# ALTO UMUÁ

# NOSSA SRA. DAS GRACAS

**MARTA HELENA**

Em primeiro lugar, quero apresentar como era a situação no local quando os primeiros moradores chegaram na região. E, posteriormente porque eles se instalaram ali e porque resolveram lutar pelo bairro. Segundo o primeiro morador do bairro Minas-Brasil, Delfim Ferreira dos Reis,<sup>14</sup> conhecido também como baiano, quando chegou ao bairro teve que levar consigo foice, machado, facão para abaixar o mato a fim de abrir espaço para fazer um barraco de lona, que lhe fora na época emprestado. E naquele mato mesmo, porque era um “cerradão” na época, ali mesmo mediram a área para armar uma barraca. Outro, dos primeiros moradores, Sebastião Norte Fabiano<sup>15</sup>, quando chegou ao local, só existia um “trieiro”, e ele ali permaneceu por dez anos sem energia. Ele nos conta que: “*Aqui era tudo cerrado. A turma vinha catar guariroba, cajuzinho, caçar codorna. Eu criei galinha muito tempo aqui.*” O retrato do lugar era um cerradão, e as primeiras casas que se instalaram ali eram de barraco de lona e de placas. Posteriormente foram construídas casas em forma de meia-água.

A maioria dos moradores vieram de cidades vizinhas, como Ituiutaba, Araguari, Araxá, Tapuirama, Lagoa Formosa, Patos de Minas, entre outras. No entanto, o primeiro morador do bairro, Sr.Delfim veio para trabalhar numa indústria próxima ao local, como trabalhador de chapa. E no próprio local de trabalho, na Daiwa, ficou sabendo da existência de lotes à venda na região que viria a ser o Minas-Brasil. E essa prática foi uma constante que observei no povoamento do bairro. Observei parentes, amigos, conhecidos atraindo outras pessoas, de outras cidades, para morar no bairro. Os motivos que moveram as pessoas a saírem do seu lugar de origem e procurarem outro lugar foi a falta de trabalho, em segundo lugar para o estudo dos filhos e, por último, houve a preocupação com moradia. Mesmo com toda dificuldade de deslocamento, de localização do bairro e problemas de infra-

---

<sup>14</sup> Delfim Ferreira dos Reis. Natural de Feira de Santana, Ba. Veio de Ituiutaba para Uberlândia, MG. Profissão: Trabalhador de chapa. Entrevista realizada em agosto de 2005.

<sup>15</sup> Sebastião Norte Fabiano. Nascido em 1928. Área de atuação: Serviços Gerais. É natural de Cachoeira Alta, Go. Sebastião foi o quarto habitante do bairro. Hoje ele trabalha capinando lotes e vendendo picolé no bairro. Entrevista realizada em agosto de 2005.

estrutura, eles resolveram “encarar”, com a cara e a coragem, e povoaram o bairro. E, tiveram que lutar muito por escola no bairro, enfrentando dificuldades por conta disso, porque o bairro não oferecia nada de infra-estrutura na época, muito menos escola: as crianças muitas vezes saíam de casa debaixo de chuva, tendo que ser levadas e trazidas a pé por suas mães.

A maioria dos migrantes eram lavradores, provenientes de municípios próximos, que encontraram, na época, um parque industrial em formação, o que foi bem atrativo para eles. Além disso, outra coisa que atraiu ou contribuiu para a sua fixação ali são as inúmeras fazendas localizadas nas imediações do bairro, possibilitando trabalho para as pessoas que se fixavam ali. Pois, na época as famílias que estavam migrando já não encontravam mais trabalho onde moravam, então tiveram que se deslocar. No entanto, o bairro foi povoado por relações pessoais, de amizade, de parentesco; por atração dos próprios moradores que já residiam no bairro. Na época já existiam indústrias no local. E hoje, no entorno do bairro estão inúmeras indústrias, algumas delas são multinacionais, como por exemplo: Metalúrgica Prada, Algar Triato, Limpel, etc. Ainda hoje o bairro atrai pessoas, tendo alguns lotes vagos. No entanto, é um bairro praticamente tomado, isto é, densamente povoado. Quando você “perambula” pelas ruas do bairro Minas-Gerais, vemos muitos moradores, principalmente no dia de sábado a tardinha, empurrando os carrinhos de mão cheios de terra para dar início ou término da construção de suas próprias casas; isso eles deixam para fazer nos seus dias de folga do trabalho. Aproveitando esse espaço, gostaria de dizer que uma das maiores dificuldades que tive para realizar essas entrevistas aos sábados foi não encontrar os moradores em casa, pois muitos chegavam somente à tardezinha do trabalho, e isto inclui os aposentados, pois muitos deles se encontravam nesse dia trabalhando em alguma fazenda próxima, ou capinando lote ou vendendo picolé no bairro, dificultando um pouco a realização desse trabalho devido eu não ser moradora do bairro.

Os primeiros moradores que migraram para o bairro adquiriram seus terrenos de um advogado de uma imobiliária, cujo nome é Celts Rodrigues de Souza, advogado na época da Imobiliária Cunha Imobiliária Incorporadora Ltda.<sup>16</sup> Os moradores desse bairro a ~~referem~~ <sup>se</sup> como Imobiliária Chaves Corretora e outras vezes como Imobiliária Angelo Cunha. Mas é a mesma imobiliária. Portanto, os primeiros moradores compraram os seus terrenos através de contrato particular de compromisso de compra e venda. Estes pagaram pelo que adquiriram; na época, segundo os moradores, com promessa de escritura em trinta dias, e com água. Outros depoentes reclamam que foi prometido energia também. Apenas um esclarecimento, estas questões acima mencionadas não constam no contrato de compra e venda que eles dispõem. A promessa foi somente verbal e não foi cumprida. E eles tiveram que lutar junto ao poder público para conseguir fazer o bairro; isto é, urbanizá-lo, não dispondo de tempo, nem de condições econômicas favoráveis para fazer isso. Mas não tiveram outra alternativa senão lutar.

Neste ínterim, as necessidades mais básicas começam a ser sentidas pelos moradores. no dia-a-dia, questões incontornáveis, como, por exemplo, a questão do consumo de água que é imprescindível para a sobrevivência e que eles não dispunham na época. Era uma dificuldade tremenda, que somente eles mesmos poderiam expressar o quanto isso foi penoso para eles. Os moradores, ao falarem do passado, buscam significá-lo a partir da situação que vivem no presente. Se, hoje muitas conquistas se efetivaram, elas servem também para realçar o processo de luta para conseguí-las. Uma das primeiras presidentes da Associação e primeira moradora do bairro, Maria da Conceição de Freitas Ferreira, comenta a dificuldade que foi:

*"Sabe, esses tambor de vinte litros, a gente pegava esses tambor, aí, cê tinha que esperar a água cair do céu. Esperava a*

---

<sup>16</sup> Informação segundo documento da Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura Municipal de Uberlândia, referente a relatório de loteamento do bairro Minas-Brasil.

*água vir do céu. Quando chovia, meu marido, fez uma bica na beirada assim da casa. E assim a gente enchia os tambor pra lavar roupa.*<sup>17</sup>

Esses tambores eram carregados em carrinhos de mão a longas distâncias. O consumo de água era difícil de obter, a água era buscada na casa de um morador do bairro Umuarama II, e de outra na rua Monteiro Lobato. Esses moradores emprestavam suas torneiras, no entanto suas ligações eram clandestinas. E isso logo deu problema. Assim sendo, havia dificuldade, não apenas pelas cinco quadras mais ou menos que tinham que percorrer, mas também percebemos que o consumo da água era limitado, mal dando para sanar as necessidades dos moradores. Daí, o tom irônico ou o desabafo da moradora acima, pois a única forma era mesmo esperar água cair do céu. No entanto, depois, os próprios moradores colocaram uma mangueira provisória, enterrando uns 450 metros de mangueira no chão, passando estas pelo meio do mato, pois não haviam ruas abertas nesse período. Segundo cada depoente essas façanhas foram deles mesmos. Sendo assim foram muitas mangueiras cravadas no chão. Acredito que à medida que iam surgindo moradores isso era feito. Sem falar quando ocorria das mangueiras furarem. Na época, por volta de 1977 à 1986, não sei exatamente o período, alguém, denunciou para o DMAE (Departamento Municipal de Água e Esgoto) o consumo clandestino de água. Com isso o fornecimento de água foi cortado aos moradores, dificultando ainda mais as suas vidas.

Foi nessa época, mais ou menos em 1983, que esses moradores resolveram sair da inércia, na qual se encontravam desde 1977, quando surgiu o primeiro morador no bairro, pois a situação tornou-se insustentável pois tinham filhos bebês. Nesta época o bairro contava mais ou menos com doze casas.

---

<sup>17</sup> Maria da Conceição de Freitas Ferreira. Do lar e comerciante de flores. Veio de Ituiutaba, MG. Foi a primeira moradora do bairro Minas-Brasil. Ela chegou ao local em 1977. Foi presidente da associação nos primeiros anos de sua existência. Entrevista realizada em agosto de 2005.

Eles começaram a ir no DMAE e na Prefeitura reivindicar melhorias. E eles começaram a se organizar a partir desse fato, quando o DMAE cortou a água; mas não era ainda uma associação oficializada. Por ser em pequeno número os moradores tiveram muitas de suas prerrogativas desconsideradas e, portanto, não atendidos. Uma das justificativas das funcionárias das secretarias públicas era que os moradores não podiam ser recebidos porque não faziam parte de nenhuma associação; isto é, de algo oficial. E dessa forma esses moradores perderam muitas vezes seu tempo, e seus poucos recursos, ao pagarem vale transporte, para descerem o “morro” para o centro da cidade. Na administração Zaire Resende (1983-1986) houve um investimento na criação de Associação de Bairro, pois esse fato além de se constituir como tática para uma disputa eleitoral desse partido pela gestão do município, também deve ser analisado como uma perspectiva de trabalho traçado por esse governo. No entanto, essa forma utilizada por ele para tentar administrar melhor os problemas sociais locais, propiciou a organização de vários bairros de Uberlândia em torno de Associações, devido a existência, na época, de muitos problemas urbanos nos bairros mais afastados da cidade.

De acordo com Azevedo “...podemos considerar o documento oral como uma co-produção do historiador e do depoente, pois o historiador dele participa quando, a partir de sua própria compreensão da vida e da história, de seus objetivos, impõe ênfase, elege e relaciona temas, questões, temporalidades, na formulações de suas perguntas ao depoente e na construção de sua própria narrativa histórica.”<sup>18</sup> Dessa forma este trabalho foi sendo elaborado pois tem-se presente nele um trabalho conjunto: da historiadora e dos depoentes. E há, além desses, outros fatores que influenciaram na construção deste trabalho, tais como, o conhecimento adquirido, o momento histórico em que ele foi construído e a subjetividade de quem escreve.

---

<sup>18</sup> AZEVEDO, Amailton Magno. “ No ritmo do rap: música, oralidade e sociabilidade dos rappers,” In: *Revista Projeto História*. São Paulo: Educ, n.22, junho/2001, p.358.

Maria da Conceição de Freitas Ferreira, uma das que foram presidente da Associação de Bairro, relata essa ligação da Associação com o governo do PMDB:

*“A associação foi feita no período do Zaire, com o apoio dele, porque ele veio na nossa casa. Ele já era Prefeito. Num tinha associação, não tinha como ele nos receber. Nois tava já pelejando pra trazer ele aqui, pra gente traze o problema pra ele. Aí a gente conseguiu traze ele numa reunião.”<sup>19</sup>*

Por conta do pequeno número de moradores existentes no bairro e da burocracia existente, eles se organizaram através de uma Associação de Moradores em 1986, como nos certifica o documento do cartório de registro de títulos e documentos.<sup>20</sup> No período de campanha, o Zaire Rezende fez suas visitas ao bairro pleiteando votos. Pelas entrevistas observei que, desde 1983, os moradores já “incomodavam” a Prefeitura, mas eles foram sendo embromados, até o seu mandato vencer, o que ocorreu em 1986, que foi quando a Associação foi registrada ou oficializada. Além disso, os moradores ficavam lisonjeados com a presença do prefeito, quando em 1986 ele participa de uma de suas reuniões.

Alvarenga faz uma observação interessante com relação aos partidos políticos na década de oitenta, pois segundo ela: *“No caso dos partidos, tanto o PT, como o PDS e o PDT, atuaram na organização de algumas associações, porém só o PMDB agiu organizadamente em torno de uma estratégia eleitoral.”<sup>21</sup>* Observei que Zaire Rezende é muito querido pelos moradores do bairro Minas-Brasil, eles dizem que devem a água e a energia ao Dr Zaire. Ao contrário, a conquista foi dos próprios moradores, pois a conquista da água foi uma luta dos moradores perante

<sup>19</sup> Maria da Conceição de Freitas Ferreira. Do lar e comerciante de flores. Veio de Ituiutaba, MG. Foi a primeira moradora do bairro Minas-Brasil. Foi presidente da Associação em 1986. Entrevista realizada em agosto de 2005.

<sup>20</sup> Cartório de Registro de Títulos e Documentos. Comarca de Uberlândia-Estado de Minas Gerais. 30 de setembro de 1986.

<sup>21</sup> ALVARENGA, Nízia M. *As Associações de Moradores em Uberlândia: Um estudo das práticas sociais e das alterações nas formas de sociabilidade*. Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo, junho de 1988, p.87.

o DMAE. Com relação a energia, ela foi colocada somente nas ruas habitadas, tanto é que os moradores, nas administrações seguintes, estavam lá reivindicando energia para o restante do bairro. Foi árdua a vida dos moradores pela ausência e serviço mal feito pelo DMAE.

A imprensa da época<sup>22</sup> notificou a respeito do bairro Minas-Brasil. Em matéria data de 1989, o jornal *Correio de Uberlândia* denuncia a falta de infra-estrutura no bairro:

*“ Outros problemas dos moradores do Minas-Brasil, são a falta de infra-estrutura básica com necessidades de colocação de água em alguns setores do bairro, instalação completa de sistema de esgotos, e além disso, não existe linha de ônibus para o bairro, nem escolas(a mais próxima fica no bairro Industrial).”*

Observando o tempo decorrido, podemos perceber que o desenvolvimento urbano do bairro Minas-Brasil ocorreu lentamente, pois é em 1989 que o bairro aparece na imprensa, embora povoado desde 1977. Era tão dramática a situação do bairro, que num outro fragmento do mesmo jornal, em 1989, aparece escrito assim:

*“As fossas são presença marcante nas 75 casas construídas no Minas-Brasil e a maioria está instalada nos fundos de quintais exalando mau-cheiro prejudicial à saúde. De acordo com Florêncio Arruda Borges, a prefeitura se propôs a construir uma fossa coletiva para receber esgotos de cinco casas da rua da safra, inclusive da sua própria residência.”<sup>23</sup>*

Então, além desses moradores não usufruírem dessa infra-estrutura básica imprescindível para as suas necessidades, a Prefeitura oferece uma péssima solução para este problema, pois o mau cheiro e a questão da má-higienização do bairro perduraram, como pudemos

<sup>22</sup> Jornal *Correio de Uberlândia*, quarta-feira, 20 de dezembro de 1989, p.5.

Maria Helena Capelato ao falar do papel da imprensa afirma que: “ A Imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social.” Ver: CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. Editora Contexto, 1988, p.21.

<sup>23</sup> Jornal *Correio de Uberlândia*, 20 de dezembro de 1989, p. 5.

observar. É interessante também que, em 1989, o bairro já contava com 75 casas, segundo a reportagem acima. Isso nos mostra que o crescimento populacional no bairro foi muito rápido, ao contrário da urbanização dele. Segundo Moreira, "a população urbana de Uberlândia saiu de pouco mais de 35 mil habitantes em 1950 para quase 400 mil, em 1990."<sup>24</sup> Esses dados são significativos tratando-se pois do crescimento da cidade.

Acho oportuno nesse momento mencionar o que moveu as pessoas a se unirem pela comunidade ou quais perspectivas de vida elas viam para si ou como elas se encontravam, ao escolher residirem ali.

A importância das narrativas orais é destacada por Alessandro Portelli. O autor afirma:

*"A história oral muda a forma de escrever da história da mesma maneira que a novela moderna transformou a forma de escrever da ficção literária: a mais importante mudança é que o narrador é agora empurrado para dentro da narrativa e se torna parte da história"...<sup>25</sup> o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor."<sup>26</sup>*

Vejamos alguns depoimentos. Primeiro o de Maria Lúcia Vieira Zanão, a seguir o de Maria da Conceição de F. Ferreira e depois o depoimento de Ilma Maria de Jesus respectivamente:

*"Nois mudamos fora do bairro uns dois anos. As crianças muito pequenas, muita dificuldade. Aí nois volto de novo. Porque aqui*

<sup>24</sup> MOREIRA, Helvécio Domingos. *Formação e Desenvolvimento dos Bairros Periféricos em Uberlândia. Uberlândia-MG*. Dissertação de Mestrado. UFU, 1991, p.26.

<sup>25</sup> PORTELLI, Alessandro. "O que faz a História Oral diferente," *Revista Projeto História*. São Paulo: Educ, n.14, fev.1997, p.38.

<sup>26</sup> Idem, idem, p.31.

*era nosso né. Aqui nois tinha nosso cantinho e não pagava aluguel.*<sup>27</sup>

*"Tinha dia que você olhava aqui, você tinha até medo. Mas nois falava assim: Já que eu comprei aqui, aqui é o nosso lugar, nois escolheu aqui. Então nois vamos colocar água e luz."*<sup>28</sup>

*"Eu fui me interessar, quando eu comprei aqui; quando eu falei, aqui eu vou viver pro resto da minha vida. Agora eu vou lutar pelo bairro."*<sup>29</sup>

Esses depoimentos foram de moradoras que tomaram a frente da Associação de Bairro. E apresentam motivos consistentes para transpor os muitos desafios que lhes foram apresentados. Pois embora elas se denominassem um grupo unido, na verdade sempre a mobilização foi levada efetivamente por pessoas com determinação na direção do trabalho, pois foi requerido delas muita força de vontade, coragem e perseverança para trazerem alguma melhoria para o bairro. Com certeza não faltou vontade por parte desses moradores de se mudarem daquele local, mas as condições econômicas não permitiram. Portanto, os moradores não tiveram outra alternativa a não ser lutar pela melhoria do bairro. No entanto, o motivo que os trouxeram para Uberlândia foi a busca de trabalho. E para isso os moradores tiveram que se instalar num local que fosse de acordo com as suas possibilidades econômicas.

A fim de entendermos um pouco sobre as contradições sociais decorrentes do progresso econômico da cidade de Uberlândia, citamos Soares que levanta esta questão no seu trabalho:

<sup>27</sup> Maria Lúcia Vieira Zanão. Foi presidente da Associação do bairro em 1987. Área de atuação: Serviços Gerais. Ela é natural de Cascalho Rico, MG. Lúcia foi a segunda habitante do bairro. Ela reside na rua Amaral Coutinho, n.1819. Entrevista realizada em agosto de 2005.

<sup>28</sup> Maria da Conceição de Freitas Ferreira. Do lar e comerciante de flores. Veio de Ituiutaba, MG. Foi a primeira moradora do bairro Minas-Brasil. Foi presidente da Associação em 1986. Entrevista realizada em agosto de 2005.

<sup>29</sup> Ilma Maria de Jesus. Data de Nascimento: 08/05/0961. Profissão: Doméstica. Natural de Dores do Indaiá, próximo de Belo Horizonte. Ela mora no bairro há 16 anos. É moradora da rua do Paiol com a Betim Paes Leme, n.1653. Ela foi presidente da Associação do bairro em 1998. Entrevista realizada em setembro de 2005.

*“O espaço urbano de Uberlândia foi visivelmente marcado por grandes transformações a partir de 40. A industrialização, a diversificação do comércio e do setor de serviços, a construção de Brasília, a intensificação do capitalismo no campo e o fortalecimento da malha rodoviária aprofundaram a divisão social do trabalho, materializada no espaço urbano através de uma maior divisão das classes sociais, gerando assim um espaço pleno de contradições e conflitos, acompanhando a própria dinâmica da formação social brasileira.”*<sup>30</sup>

Além disso, em Uberlândia, no final da década de cinquenta, estava dando início a construção de grandes avenidas comerciais e grandes edifícios se conformando assim à idealização de uma cidade progressista. Toda essa transformação do espaço urbano se fez também com o aparecimento de novos bairros, muitos sem condições de moradia, como já observamos.

Mas, voltando à questão proposta anteriormente: como as pessoas se posicionaram frente a esta realidade social segregacionista com que se depararam na época? Montenegro nos auxilia com suas reflexões quando afirma:

*“A própria condição de cidadania se adquire no esforço de aprender a fala e todos os códigos que ela tem incluídos. Poder falar, reivindicar, discutir, defender idéias contrárias, ou mesmo se fazer notar, ocupar um lugar entre as diversas falas é uma conquista das camadas populares através dos mais diversos processos de socialização.”*<sup>31</sup>

Na fala de Maria do Socorro Pena Martins, que foi tesoureira da Associação na época, podemos entender um pouco das dificuldades enfrentadas por ela:

---

<sup>30</sup>SOARES, Beatriz Ribeiro. *Habitação e Produção do Espaço Urbano em Uberlândia*. São Paulo. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal de São Paulo. 1998, p.38.

<sup>31</sup> MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória – A cultura popular revisitada*. São Paulo, Editora Contexto, 3.edição, setembro de 1994, p.40.

*"A gente trabalhava, eu tinha meus afazeres em casa. Então a gente deixava tudo, ia pra Prefeitura. As vezes nem era atendido. A gente ficava lá o tempo inteiro, e voltava sem falar nada. A gente ia várias vezes. A gente ia lá, esperava, esperava, num tinha resultado, a gente voltava pra casa. Depois falava, há vem tal dia. Tal dia a gente voltava, era outra dificuldade. Mas nois não desistimos."*<sup>32</sup>

Esse depoimento expressa a vitalidade da narrativa, que fala de situações vividas por muitos no Minas-Gerais. Portanto, nesse desabafo acima podemos perceber uma série de questões. Em primeiro lugar, nem todas as mulheres trabalhavam, mas ficavam por conta do lar; no entanto tinham crianças pequenas, alguns bebês, e por conta disso contavam com a solidariedade dos moradores para olharem seus filhos, ou dos parentes próximos, para deixarem as suas casas e se dirigirem à Prefeitura. E isso era muito complicado, porque elas deixavam os seus afazeres em casa e ficavam o dia todo em um estabelecimento público "para nada"; sem falar que no trajeto para casa tinham que enfrentar outras dificuldades. Observamos que talvez faltou por parte das moradoras mais ousadia, um pouco mais de criatividade, de tática, para enfrentar o poder público.

As moradoras esbarraram na impossibilidade de dialogar com o setor público e isso impediu o atendimento de suas reivindicações por mudanças no bairro. Desde 1983 os moradores estavam tentando se organizar para buscar alguma melhoria para o bairro. E também, naquela época não era como hoje, com a mesma intensidade com relação a "paparicação" dos políticos interesseiros. Na época, o que pude observar pelas correspondências da Associação foi a tentativa de estabelecer contato dos moradores da Associação do Bairro Nossa Senhora das Graças com o vizinho Minas-Brasil. Esse contato deveria ter se consolidado devido também ao pequeno número de moradores ainda existente nesse bairro. No entanto, vemos que existiam as

<sup>32</sup> Maria do Socorro Pena Martins. Natural de Araguari, MG. Mudou-se para o Minas-Brasil em 1982. Trabalhou na Associação do bairro como tesoureira. Entrevista realizada em setembro

Associações dos bairros Umuarama II, do Nossa Senhora das Graças, do Minas-Brasil, todos esses são bairros vizinhos e na época eram pouco populosos, passavam pelas mesmas dificuldades. No entanto, parece-me que existia uma certa comparação entre eles, ao invés de haver união; por outro lado, a existência de pequenos bairros com denominações diferentes contribuiu para que isso ocorresse naquela época. Por outro lado, a tática do poder público era fazer promessas e mais promessas aos moradores, se possível com um tempo mais extenso para cumprir, embromando assim os moradores, tentando vencê-los pelo cansaço. Sem falar das vezes que eles não eram atendidos pelas secretárias.

Observamos também, pela fala dos moradores, nos ofícios e nas atas da Associação do Umuarama II, que os moradores do Minas-Brasil reclamavam fazendo comparações do bairro deles com os do bairro Umuarama II. Essas reclamações consistiam no seguinte: o Umuarama II não possuía casas, no entanto, suas quadras já estavam formadas, tudo já era asfaltado, com rede de esgoto, água e tudo. Em 1991 o bairro Umuarama II não tinha sido ainda pavimentado, pois na ata da Associação temos esta informação. Tanto é que ela nos informa que, na época, os moradores precisavam realizar um abaixo assinado para alcançar um índice numérico significativo para conseguir, pela Prefeitura, a pavimentação do bairro. Mas, a questão não é essa, o bairro Umuarama II é bem próximo ao Minas-Brasil, ao lado ali. Então, porque na época esses moradores dessas duas regiões não se uniram, se as suas reivindicações eram as mesmas? Além disso, porque este bairro na época não fez parte do abaixo-assinado do Umuarama II? E por que o poder público não estendeu essa infra-estrutura aos moradores do Minas-Brasil que estavam tão próximos ali? Em 1996, o Umuarama II se juntou ao Minas-Brasil e ao Marta Helena II. Isso quer dizer que o Umuarama II era um bairro pouco populoso. Através de um ofício que data de 1991, enviado pelo prefeito Virgílio Galassi à Associação do bairro Umuarama II dá para entender um pouco da <sup>existente</sup> cordialidade entre

eles, pois no ofício o Prefeito faz um convite a um dos membros da Associação do Umuarama II para fazer parte do Conselho Municipal de Saúde. Além disso, o Minas-Brasil devia ser considerado como curral eleitoral do Zaire, ou seja, a área do “partido da esquerda”; e devia ser considerado pela ala direita o povão, pois na época da administração do Virgílio Galassi não existia diálogo, não existia conversa com seus moradores.

Já mencionei neste trabalho que a região do Minas-Brasil fica no setor norte de Uberlândia. Entretanto, segundo a dissertação de Moreira, “Ao norte da cidade, o controle absoluto fica por conta de um grande proprietário imobiliário, por sinal, cunhado do atual prefeito, com uma enorme área que vai desde as proximidades do conjunto habitacional Alvorada até o bairro Jardim Umuarama.”<sup>33</sup> Esse Conjunto Alvorada é conhecido hoje como o Umuarama II. É portanto a essa região vizinha do Minas-Brasil que eu estava me referindo acima. Então está explicado o porque desse bairro ser tratado de maneira diferenciada em relação ao Minas-Brasil, afinal ele era propriedade de uma imobiliária do cunhado do Prefeito da cidade na época, Ruy de Castro Santos. O terreno foi deixado por Marieta de Castro Santos, a sogra do prefeito (Virgílio Galassi). Por outro lado, esta questão é surpreendente devido ao jogo de interesses. Analisemos esta questão sob a perspectiva de Soares:

*“O crescimento da área urbana de Uberlândia por expansão de periferias, ocorreu a partir da década de 70, e somente pode ser entendido pela sua importância para a acumulação e concentração de capital, e para a reprodução da força de trabalho.”<sup>34</sup>*

Folhee documentos da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos, com data de julho de 1988, referente a alteração do nome de vias públicas. Eu achei interessante a mudança dos nomes dos logradouros

<sup>33</sup> MOREIRA, Helvécio Domingos. *Formação e Desenvolvimento dos Bairros Periféricos em Uberlândia*. Uberlândia, MG, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), 1991, p.104.

<sup>34</sup> SOARES, Beatriz Ribeiro. *Habitação e Produção do Espaço em Uberlândia*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, junho/1988, p.102.

da antiga região do Minas-Brasil, pois os nomes das avenidas antigas se chamavam: Rebelião Praieira, Sabinada, Farroupilhas, Visconde de Mauá, e García Lorca. Essas avenidas passaram a denominar-se respectivamente ruas dos Silos, da Produção, da Safra, da Fartura, e do Paiol. A Prefeitura, em 1988, era ocupada por Virgílio Galassi e essa alteração foi decorrente da lei sancionada por ele, com base na lei 4.733 de 1988. Para um governante como Virgílio Galassi, de tradição partidária de direita, os antigos nomes talvez não ficassem bem para a imagem ordeira e progressista que vinha sendo construída sobre a cidade de Uberlândia ao longo dos anos. Esse bairro, como já mencionei, foi povoado no governo Virgílio Galassi, no final de 1977, quando surgiu o primeiro morador no bairro. No entanto, o projeto de loteamento do bairro não tinha sido aprovado. Essa aprovação ocorreu em 1982, mas, mesmo assim, o bairro teve que ser desapropriado, e com isso ocorreram algumas mudanças, inclusive números de quadra.

Em um ofício datado de 1989, os moradores reclamam da dificuldade de acesso ao bairro Minas-Brasil pois esse acesso, nessa época, era limitado, só se fazendo pela avenida Ceres. Hoje já existe a avenida José Andraus Gassani, a qual liga as várias ruas do bairro, inclusive as que mencionamos acima. Atualmente, desde 2002, os moradores estão lutando para que haja a reabertura da rua Virgílio Carrijo.

A reportagem do *Jornal Correio de Uberlândia*, de novembro de 1992, com o título: *Moradores do Minas-Brasil vivem a "falta de tudo"*; destaca a falta de infra-estrutura no bairro:

*" Quando chove, o veículo atola, quando tem poeira, ninguém aguenta a sujeira, disse (o comerciante Euclides dos Reis). As ruas estão intransitáveis e danificam muito o carro... As molas estão se quebrando muito. Dia desses chovia muito, aqui tem diversos buracos, o ônibus quase tombou bem na esquina, mostrou."*<sup>35</sup>

<sup>35</sup> *Jornal Correio de Uberlândia*. Terça-feira, 24 de novembro de 1992, p.10.

Não é só nessa matéria que os problemas adquiriram visibilidade. Em ofícios expedidos em 1991, a Associação alerta que os moradores pediam que a linha do ônibus 004 Minas-Brasil-Centro fosse encascalhada, para que o ônibus pudesse transitar. Em um outro ofício os moradores pedem que, pelo menos, o itinerário da linha do ônibus fosse asfaltada. A fala de uma entrevistada ressalta que quando chovia não podia sair de casa “porque senão caía no buraco.”<sup>36</sup> Essa situação no bairro perdurou por longos anos, causando muitos transtornos aos moradores, como pude vislumbrar nesse jornal local. O jornal da Associação de Moradores do Minas-Gerais, com data de 2004, comemora a **volta** da linha de ônibus 234 da Transcol que atende o bairro com um único carro, o qual passa de 45 em 45 minutos. Além dessa vitória, eles estavam comemorando também a implantação da linha de ônibus beija-flor B 906: os carros desta linha correm diretamente dos bairros para o Centro da cidade e vice-versa, não precisando ir para os terminais dos bairros.

Petuba, ao lidar com essas situações vividas na cidade, aponta para a questão política. A autora aponta como *“o descaso do poder público diz respeito a uma concepção política sobre a cidade e para quem ela é feita. A exclusão é expressa através do descaso, da dificuldade, da negação dos direitos sociais a estes trabalhadores pobres.”*<sup>37</sup>

Um outro ofício da Associação de Moradores do bairro Minas-Brasil, com data de 1990, solicita a implantação de uma rede de esgoto no bairro. Esse foi um problema que causou muitos transtornos aos moradores como veremos adiante. Esse assunto foi tema de vários ofícios. O que observei em alguns deles foi que o motivo alegado pelo DMAE por ainda não ter sido instalado rede de esgoto no bairro era porque o bairro não era legalizado, uma desculpa para o DMAE se eximir

<sup>36</sup> Noemia Magdalena Ribeiro de Souza. Data de Nascimento: 11/01/1954. Foi presidente da Associação em 1998. Escolaridade: 5ª Série. Profissão: Oficial de cozinha. Natural de Patos de Minas, MG. Hoje ela mora no bairro Jardim América. Entrevista realizada em setembro de 2005.

do problema. Os moradores chegaram a fazer um abaixo-assinado contendo 161 assinaturas; alegando que o volume de resíduos que eram escoados para as vias públicas causava prejuízo à saúde e ao meio ambiente. O maior problema que os moradores tiveram em relação ao esgoto no bairro foi com relação a bomba de esgoto. Com relação a esse assunto, Ilma Maria de Jesus, que foi presidente da Associação em 1998 dá sua opinião:

*"Do jeito que era aqui era melhor fossa porque cada um tinha a sua fossa tampada e num vasava em nada. Aí nós fizemos uma reunião aqui e falo pro DMAE. Océ vai arrumar ou nois vai jogar uma bomba aqui dentro e vai explodir aqui dentro tudinho."*<sup>37</sup>

Segundo a moradora, a bomba de esgoto instalada no bairro foi um trabalho do DMAE malfeito. Pois a bomba não suportava toda a água que se dirigia para seu depósito; isto é, não conseguia bombear, pois era muita água que se dirigia para lá; isto é, do bairro todo. Por conta disso, o esgoto caía para fora; e isso causava mau cheiro no bairro. Fora as vezes que o esgoto adentrou a casa dos moradores como nos contará uma outra presidente da Associação, Noêmia Magdalena de Souza:

*"Uma vez choveu tanto, deu tanta enchurrada, que nós acordamos de madrugada. Nossa casa estava cheinha de fezes da rede de esgoto, tava dano aqui na canela ... pra ajudar desinfetar minha casa ficou eu, meu marido e minha filha até ao amanhecer jogando água."*<sup>38</sup>

O que vemos é um descaso do poder público e as moradoras já estavam "apelando mesmo" devido a existência dessa situação desagradável. Segundo Noêmia, a rede de esgoto não suportava a água

<sup>37</sup> PETUBA, Rosângela Maria Silva. *Pelo direito à cidade: experiências e luta dos ocupantes de terra do bairro D. Almir – Uberlândia 1990-2000*. Dissertação de Mestrado, UFU, 2001, p.71.

<sup>38</sup> Ilma Maria de Jesus. Foi presidente da Associação em 1998. Data de Nascimento: 08/05/1961. Profissão: Doméstica. Natural de Dolores do Indaiá, próximo de Belo Horizonte. Ela mora no bairro Minas-Gerais à 16 anos. É moradora da rua do Paiol com a Betim Paes Leme, n.1653. Entrevista realizada em setembro de 2005.

<sup>39</sup> Noêmia Magdalena de Souza. Data de Nascimento: 11/01/1954. Foi presidente da Associação de 1990-1993. Escolaridade: 5ª série. Profissão: Oficial de Cozinha. Natural de Patos de Minas, MG. Hoje ela mora no bairro Jardim América. Entrevista realizada em setembro de 2005.

dos enchorros, pois chovia muito no bairro. Essa moradora chegou a mudar do bairro por conta desse problema, pois esse transtorno ocorreu umas três vezes em sua casa. Eu fiz essa entrevista com ela no bairro Jardim América, onde ela reside hoje. No entanto, um de seus projetos é voltar para o bairro Minas-Brasil, onde, segundo ela, deixou muitas amigas, e, sobretudo, é um bairro onde gostou muito de morar, porque ali encontrou pessoas humildes e “gente muito boa”. Isto é algo que ela não encontrou onde está residindo agora, por isso pretende voltar para o bairro, hoje conhecido como Minas-Gerais. Esse tipo de consideração pelo bairro nas falas dos entrevistados foi uma constante nos depoimentos.

Nas várias entrevistas realizadas tem muitas histórias interessantes, mas essa eu não poderia deixar de contar aqui. Esse episódio ocorreu quando Ilma Maria de Jesus era presidente da associação em 1998. Em meio às muitas chuvas que ocorriam no bairro Minas-Brasil, uma vez aconteceu dessa presidente reunir os moradores, fretar dois ônibus e se dirigirem para a Prefeitura para fazerem suas reivindicações. Só que nesse dia, antes de saírem do bairro, como tinha dado uma chuva muito grande, os moradores atolaram os pés, sujando os seus calçados de barro. Nesse dia, segundo a entrevistada, iria estar na Prefeitura uma pessoa muito importante. Depois, estando na Prefeitura, ela mandou os moradores subirem em cima dos bancos. Segundo a entrevistada, eles fizeram isso porque as autoridades nunca prestavam atenção no que eles reivindicavam. E, naquela época, na década de noventa, os moradores estavam reivindicando asfalto e energia junto aos poderes públicos municipais. Decerto, agora, “apelaram” mesmo, de vez. Eu sei que depois desse episódio, a Prefeitura teve que chamar uma limpadora para limpar as sujeiras que os moradores do Minas-Brasil fizeram no local.

Analisando a forma como são administrados os problemas urbanos e os bens públicos da cidade, Moreira, fazendo uma citação interessante de Vasconcelos, nos diz que: *“Uberlândia apresenta formas de dominação de caráter patrimonial, orientado na tradição e na*

*propriedade, no patrimônio. E uma das características do patrimonialismo é a apropriação privada de bens públicos.*<sup>40</sup> Esses traços característicos das relações de poder estão arraigados nas origens de formação da cidade, refletindo-se assim na forma de atuação dos administradores dela que, sendo fazendeiros, se tornaram empresários-comerciantes. Foram pessoas importantes no processo de desenvolvimento da cidade, no sentido de urbanizá-la, de desenvolver comércio e trazer indústrias. Por esses fatores, a maioria das pessoas que passaram pela administração da cidade acham-se no direito de tomar as decisões ou resolver os seus problemas de acordo com seus procedimentos, os quais muitas vezes não têm respaldo ou participação da sociedade, de forma geral.

Os moradores ressaltam que, nos primeiros tempos, existia união entre eles; nesse sentido, para eles morar no bairro era positivo. Porque tudo que eles iam reivindicar as pessoas estavam de acordo, sempre que eram convidados para participar das reuniões as pessoas participavam; nem sempre atuantes, mas participavam das reuniões. E isso era importante para as pessoas que estavam na direção do trabalho da Associação. O que contribuía muito é que na época ninguém possuía televisão em casa. Então as pessoas iam mais nas casas dos vizinhos, rezavam mais, conversavam mais; isto é, existia mais amizade, companheirismo e solidariedade. Pois naquela época as mulheres da Associação não trabalhavam fora de casa, pelo menos até aquele momento em que estavam atuando. Depois isso mudou, porque surgem outras necessidades em suas vidas que as levam a mudar de objetivo ou de caminho. Certamente, como os moradores costumam dizer em seus depoimentos, a união desses moradores vinha desses fatores.

A primeira moradora do bairro, Maria da Conceição de Freitas Ferreira, nos fala sobre o relacionamento dos moradores na época:

---

<sup>40</sup> MOREIRA, Helvécio Domingos. *Formação e Desenvolvimento dos Bairros Periféricos em Uberlândia*. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. 1991, p.38.

*“ Muito bom mesmo. Era aquele assim, cê você chegasse ali, vamo ali agora; elas tava prontinha. No nosso tempo nois tinha reunião uma vez por semana, uma vez por mês; era aqui em casa. Vinha todo mundo, era na boca da noite. Vinha todo mundo prá cá. Fazia aquela reunião ali e discutia o problema.”<sup>41</sup>*

A ata da Associação de Moradores do Minas-Brasil registra que, em 1989, cinquenta pessoas participaram da votação para a diretoria. E mais à frente, na página quinze dessa mesma ata, nos informa que em 1992 tinham sido apurados na votação 84 votos, um número elevado se considerarmos os habitantes do bairro na época. Mas isso não significa que não tenha havido pessoas pessimistas, que julgassem os moradores que andavam em busca de melhorias para o bairro. As reclamações se dirigiram para o vale-transporte e xérox usados pelos membros da Associação. No entanto, quase sempre esse dinheiro era tirado do próprio bolso deles.

Esse bairro, no dizer das pessoas que lá habitam, é tranquilo para se viver comparando-o com outros bairros de Uberlândia. Essa tranquilidade no bairro dá para perceber quando andamos pelas ruas, ou quando um motorista de ônibus pára bem no meio da rua para conversar com algum morador. O bairro tem mesmo “ares” de uma cidade pequena. Também pude observar às tardezinhos dos sábados quando terminava as entrevistas: via aqueles jovens do bairro Minas-Gerais passeando nos seus carros semi-novos pelas principais ruas e avenidas do bairro. Esses jovens moram em casas com bom acabamento. No entanto, muitas casas do Minas-Brasil não seguem esse padrão médio, embora existam lá casas nesse porte. Provavelmente estes jovens estão usufruindo do conforto, da conquista dos moradores de outrora, cujas lutas eles sequer têm tomado conhecimento.

---

<sup>41</sup> Maria da Conceição de Freitas Ferreira. Primeira moradora do bairro Minas-Brasil. Profissão: Comerciante de flores. Natural de Ituiutaba, MG. Veio para o bairro Minas-Brasil em 1977. Entrevista realizada em agosto de 2005.



Bairro Minas-Gerais, Condomínio fechado.  
Arquivo: Marley Oliveira Marques - 2006.



Bairro Minas - Gerais, Residência da Sra. Deguimar Abadia Lopes,  
construída no início dos anos de 1980.  
Arquivo Marley Oliveira Marques – 2006.

Outro assunto importante foi com relação à instalação de uma escola no bairro. Merece até um capítulo apenas para falar disso. Mas, isso nos mostra que ter esperança sempre vale a pena. Pois a escola foi uma conquista tardia que esses moradores obtiveram para o seu bairro. Antes de ser instalada uma escola no bairro, as crianças tinham que se deslocarem para o bairro Industrial. O problema estava no trajeto que tinham que fazer. As crianças tinham que atravessar um corredor comprido denominado por eles como beco dos aflitos, porque era comprido e estreito, portanto, não possibilitando visibilidade do outro lado. E ali já tinha ocorrido alguns estupros e roubos. Foi uma situação bastante desconfortável para esses moradores que perdurou até recentemente.



Bairro Minas-Gerais - Beco dos Aflitos  
Arquivo Marley Oliveira Marques - 2006

Pelos documentos em mãos, a luta pela escola de ensino fundamental no bairro já vinha de longa data, como informa o requerimento da Câmara Municipal de Uberlândia, com data de 1989, reivindicando da Secretaria de Educação algo concreto nesse sentido e a data provável de início de construção de uma escola no bairro. Além de outros ofícios contendo despacho enviado ao governador do Estado, na época de Newton Cardoso, com datas de 1988, pela Assembléia Legislativa do Estado de Minas-Gerais. A pretensão era a execução de um projeto da Escola Estadual no bairro Minas-Brasil. Referente a isso, saiu, em 1989, no jornal *Correio de Uberlândia*, a promessa do governador Newton Cardoso de construir mais duas novas escolas estaduais em Uberlândia. A matéria diz que os bairros que seriam contemplados seriam o Minas-Brasil e o Nossa Senhora das Graças. Portanto, essa notícia foi dada pelo deputado Geraldo Rezende e proclamada pela imprensa de Uberlândia.<sup>42</sup> A construção dessa escola não ocorreu na época e os moradores ficaram na expectativa, depois das promessas oficiais. Vejo depois, em 1990, os moradores do Minas-Brasil procurando informações junto a Secretaria de Educação, pedindo esclarecimentos sobre a promessa de construção de uma escola estadual ali.

Essa história é muito estranha. Segundo o jornal *Correio de Uberlândia*, de dezembro de 1989,<sup>43</sup> o carteiro Florêncio Arruda Borges, morador do bairro, na rua da Safra, havia dito que “ há dois anos, uma escola foi construída na cidade com verbas destinadas à instalação de uma escola no bairro. A escola tem até o nome do bairro porque eu lido com correspondências lá no Correio e já vi este nome...”. Mas o carteiro esqueceu de verificar onde ficava esta escola. No entanto, a promessa de escola feita por Newton Cardoso foi em 1989, e o carteiro disse que tinha visto há dois anos, o que seria em 1987. Portanto, as informações não estão coerentes com os documentos em análise. Mas isso não deixa

---

<sup>42</sup> Jornal *Correio de Uberlândia*. 06/03/1989, p.1.

de ser estranho porque houve uma decisão por parte do governador em favor da construção de uma escola estadual para o bairro e ela não foi cumprida.

Montenegro, ao enfrentar o problema da memória, faz uma citação de Le Goff, o qual afirma: “*Torna-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas.*”<sup>44</sup> Geralmente vimos este tipo de preocupação muito presente na imprensa, pois os administradores da cidade utilizam desses meios de comunicação para dar satisfação à sociedade, além de tentar ganhar a confiança dela a fim de pôr em prática os projetos traçados por aquela equipe. Tem-se assim, portanto, interesses em jogo, e esses documentos que utilizamos para pesquisar vem “carregados” de intencionalidades. Por outro lado é um meio de comunicação não muito democrático, sendo utilizado por algumas parcelas da sociedade, e nem sempre é possível, através dele, sem um olhar atento, desvendar o que realmente acontece no meio social em que vivemos. Segundo a Ata da Associação de Moradores do Umuarama II,<sup>45</sup> em 1990, o município de Uberlândia doa um terreno ao Estado para que seja construída uma escola naquele bairro. Observemos o que diz a Ata sobre isso:

*“...Dia vinte e nove de outubro, a diretoria da Associação procurou a Secretaria da Educação para discutir o assunto da escola e o Sr Vladimir esclareceu que o terreno da escola foi doado pela prefeitura para o estado construir, só que quando o estado liberou a verba, a construtora encarregada de construir, achou o preço defazado e pediu reajuste, e o reajuste não foi aceito voltando à estaca zero.”*

Portanto, o projeto para construção dessa escola foi aprovado pelo Estado, no entanto, a verba para construção dessa escola deve ter demorado sair e a construtora encarregada de construir não aceitou o

---

<sup>43</sup> Jornal *Correio de Uberlândia*. Quarta-feira, 20 de dezembro de 1989, p.5.

<sup>44</sup> MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória – A Cultura Popular Revisitada*. São Paulo, Editora Contexto, 3.edição, setembro de 1994, p.108.

valor que tinha sido negociado na época, e até pediu reajuste depois. Por que o Estado não renegociou com a construtora e onde foi parar essa verba destinada a construção dessa escola no bairro Minas-Brasil? Contudo, o terreno doado pelo município para construção dessa escola ao Estado não foi revertido àquele. Os moradores tentaram construir uma escola para as crianças do bairro neste terreno, e não tiveram êxito, conforme nos informa essa Ata.

Segundo os jornais de época, as administrações Zaire Rezende na Prefeitura de Uberlândia priorizaram as áreas sociais, sobretudo educação e saúde, com ampliação do número de vagas para o pré-escolar, para o primeiro e até para o segundo grau. Além disso, no seu governo entraram em funcionamento na cidade quatro novos centros de saúde, nos bairros Tubalina, Santa Luzia, Santa Rosa e Alvorada. E, ainda esses informativos nos trazem também que outros quatro centros de saúde brevemente seriam construídos na sua administração. Com relação à educação, o jornal *Participação*,<sup>46</sup> de outubro de 1984, nos traz que estava previsto para a Secretaria da Educação, em 1985, ampliação, reformas, e construção de novos prédios escolares. Sendo que esta Secretaria seria dotada de recursos da ordem de C\$ 5 bilhões, cerca de dez vezes <sup>mais</sup> ~~maior~~ que em 1983(C\$ 539 milhões), e quase cinco vezes o tanto que foi destinado para a pasta em 1984(C\$ 1.800.000). Portanto, um governo quando quer fazer, quando prioriza o social, eu tem vontade, os recursos aparecem ou são disponibilizados. Embora o bairro em estudo não tivesse sido contemplado pelos recursos ora disponíveis na época, é muito significativo essa preocupação da Prefeitura em investir tantos recursos assim, nessa época, na área da educação.

Analisar esses dados publicados em jornais requer um certo cuidado. Capelato nos diz que:

*"Desde os seus primórdios, a Imprensa se impôs como uma força política. Os governos e os poderosos sempre a utilizam e*

---

<sup>45</sup> Ata da Associação de Moradores do Bairro Umuarama II, p.3 e 5.

<sup>46</sup> Jornal *Participação*. Outubro de 1984, p.8.

*temem; por isso adulam, vigiam, controlam e punem os jornais.*<sup>47</sup>

Os dados acima devem ser entendidos a partir do veículo de divulgação que expressam. O jornal *Participação* está ligado ao poder público municipal e expressa seus interesses.

Mais tarde surgem outras promessas de escola para o bairro Minas-Brasil, isto é, agora Minas-Gerais. O jornal *Correio de Uberlândia*, de junho de 2002, traz a seguinte matéria: “*Zaire deve construir mais quatro escolas.*”<sup>48</sup> O que diz o jornal sobre isso: “*A construção de duas escolas, a do bairro Seringueiras(já concluída) e a do Minas-Gerais, estavam entre as maiores prioridades para o ano de 2002.*”

*“... A expectativa do executivo é que as duas comecem a funcionar no próximo ano, o que seria em 2003.”*

O que aconteceu nessa época, segundo a mesma reportagem, é que estava havendo cortes na área da educação, na gestão de 2002 a 2005. Apesar dos cortes na área da educação, estas escolas acima referidas já tinham sido confirmadas no orçamento do município. Embora com as justificativas do jornal, não tinha porque a construção da escola do Minas-Brasil não ter sido efetivada no ano de 2003. A questão também, da distribuição do orçamento aos municípios não é simples, porque, segundo um documento da Divisão do Trabalho e Organização Popular(SMTAS),<sup>49</sup> o governo federal, de tudo o que é recolhido, fica com a maior parte (70%), deixando para o governo estadual apenas 25%, e as Prefeituras ficam com apenas 5% desses recursos. Segundo o documento, esse tipo de distribuição do dinheiro público pelo governo federal é urgente, sendo assim, a sociedade está sendo lesada porque se nós pagamos os impostos e esses não são repassados ou não são investidos na sociedade, então, o que o governo federal está fazendo

<sup>47</sup> CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. Editora Contexto, Edusp, 1988, p.13.

<sup>48</sup> Jornal *Correio de Uberlândia*. Domingo, 30 de junho de 2002, p. A-3.

<sup>49</sup> Divisão do Trabalho e Organização Popular (SMTAS). P. 2 e 3. ( Este documento trata sobre o Movimento Comunitário). Não tem título e nem data.

com o nosso dinheiro? Antes disso, a sociedade precisa tomar conhecimento da raiz do problema social para rompê-lo. Se a cidade que moramos não contraiu dívida pública, por que temos que nos responsabilizar pelo má administração do nosso Estado e do país, sendo prejudicados com cortes de recursos na área da educação?

Em 1984, segundo uma reportagem do jornal *Participação* do mês de outubro,<sup>50</sup> o Plano Orçamentário Municipal em 1985 para a administração pública de Uberlândia disporia de C\$ 78 bilhões, distribuídas entre as secretarias e autarquias municipais. Desse montante ficariam com as secretarias C\$ 17 bilhões e 287 milhões. Portanto, em 1985, a Prefeitura dispôs de muitos recursos para estar aplicando na área social, pelo menos, na primeira gestão do Zaire Rezende em Uberlândia. Pois dos 78 bilhões, 5 bilhões foram destinados para a área da educação.

No entanto, naquela época o país iniciara a redemocratização e ainda vivia a ausência de participação política, o que levou o país, por uma política econômica e social imposta pelo regime militar, a uma das mais graves crises de sua história, sobretudo em Uberlândia. Como sabemos, em Uberlândia nessa época existiam várias favelas, dentre elas citarei as favelas da Fepasa, da Pampulha (bairro Lagoinha), a favela Rondon II, no Tibery, e as famílias que viviam à margem do rio Uberabinha, entre outras. Então, a situação social em Uberlândia nessa época estava muito crítica, como pudemos observar.

Em 1992, tem início uma proposta de governo participativo, isto é, há uma administração na qual a população passa a ser ouvida a respeito de seus próprios problemas. Diante de tantos percalços que o Brasil tinha enfrentado durante a ditadura, e vinha enfrentando, a responsabilidade desse novo governo era maior, embora houvesse não poucos recursos disponíveis, pelo que pude perceber. E como vimos, as áreas mais priorizadas pelo governo Zaire, na sua primeira gestão,

---

<sup>50</sup> *Jornal Participação*. Outubro de 1984, p.8.

foram educação e saúde. Também é sabido que nessa época, por volta de 1980, o Brasil estava numa luta incessante contra a recessão econômica, a inflação e havia o achatamento salarial, os quais deixavam o país em uma situação difícil devido ao desemprego e à inadimplência.

Foi burocrático e dificultoso para os moradores estar trazendo uma escola para o seu bairro, foi mais complicado ainda devido ao quadro político, social e histórico referido acima. A única explicação para a “embromação” dos órgãos públicos seria o descaso por parte do governo do Estado, que era o responsável por esta questão. E também por ter deixado, por décadas, esquecidas as áreas periféricas da cidade. O que vimos, e o que vamos ver, é a tática dos órgãos públicos em fazer promessas à população e não cumpri-las: eles criaram expectativas nos moradores e, com isso, esses ficavam confiantes, aguardando tal resolução, e, por outro lado, a sociedade ficava sendo ludibriada, imaginando que se estava fazendo alguma coisa para os bairros carentes. Com relação a atitude dos moradores em confiar nessas promessas está muito relacionado às suas origens, constituindo-se em pessoas que migraram do campo para a cidade recentemente, sendo assim caracterizadas como pessoas simples, pois a maioria deles trabalhavam em lavoura. Já as mulheres, sendo do lar, embora tivessem muita força de vontade em mudar a situação do seu bairro, algumas delas não sabiam ler, apenas sabiam assinar o nome. Hoje tem-se mais oportunidade de conhecimento devido também aos meios de comunicação disponíveis, mais praticidade; no entanto há também por outro lado, a questão da alienação.

Em uma outra reportagem, agora de setembro de 2002, no jornal *Correio de Uberlândia*, lemos: “A respeito das escolas, a coordenadora do COP (Conselho de Orçamento Participativo) explicou que os pedidos apresentados ao prefeito foram para que fossem construídas escolas nos bairros Minas-Gerais e São-Francisco.”<sup>51</sup> A coordenadora do COP disse que isso já estava praticamente definido e ia constar do orçamento.

---

<sup>51</sup> Jornal *Correio de Uberlândia*. Quinta-Feira, 26/09/2002, p. A 3.

Isso foi em 2002 e ia constar do orçamento em 2003. Temos promessas feitas por um lado e expectativas formadas de outro pela população. Portanto, percebemos uma “embromação” por parte dos órgãos públicos em relação a construção dessa escola no Minas-Gerais. Uma hora o governo dispõe de muitos recursos para a área da educação, outra faz-se promessas, mas elas não são cumpridas. Mas o fato é que a escola estadual do Minas-Brasil foi construída na administração Zaire Resende, além de outras melhorias que foram trazidas na sua administração para este bairro. Fui me informar a respeito desse assunto no jornal da Associação de Moradores do Minas-Gerais de dezembro de 2004, comemorando a inauguração da tão sonhada escola, dizendo que o que era sonho se tornou realidade. A tão sonhada escola foi inaugurada em dezembro de 2004, à rua da Produção n.1695, com o nome Escola Municipal Professora Orlanda Neves Strack, com vagas para o ensino fundamental. As promessas oficiais de construção dessa escola vinham desde 1988, mas só se concretizaram mesmo em 2004.



Bairro Minas-Gerais  
Escola Municipal Professora Orlanda Neves Strack  
Arquivo Marley Oliveira Marques - 2006



Bairro Minas-Gerais  
Escola Municipal Professora Orlanda Neves Strack  
Arquivo Marley Oliveira Marques - 2006

Agora, se os jovens quiserem fazer segundo grau vão ter~~em~~ que se deslocar~~em~~ do bairro Minas-Gerais para continuarem seus estudos. Portanto, houve conquista por parte dos moradores, porém árdua, tardia e incompleta. Dessa forma, a luta dos moradores não parou por aí. Segundo uma pesquisa realizada pela Prefeitura Municipal de Uberlândia,<sup>52</sup> sem data, presumo que seja de 2002, referente à alfabetização no bairro Minas-Gerais, 10% dos estudantes estão parados, 3% deles não encontraram vagas em outras escolas, 6% estudam em escolas longe, 1% voltariam a estudar, 24% deles estudam na Cidade Industrial, e 20% deles estudam na escola Benedita Pimentel, no bairro Nossa Senhora das Graças. Portanto, os dados da pesquisa com relação a alfabetização no bairro Minas-Gerais, realizada pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, são: 12,46% dos seus estudantes estão cursando o pré-escolar, 71,85% estão cursando o primeiro grau, 15,11% estão cursando o segundo grau e, por último, 0,58% estão cursando o curso superior. Pois o total de alunos que estão cursando o primeiro grau são 1113 e os que estão cursando o segundo grau são apenas de 234 estudantes. A escola era portanto algo de muita necessidade para o bairro. Vimos quão moroso foi a conquista dessa para o bairro, haja vista que o governo “de esquerda”(Zaire Resende) esteve por duas vezes na administração da cidade e os seus projetos direcionavam-se para a área social; imagina senão o fosse, como estaria~~m~~ então essas comunidades das periferias? Não devemos esquecer que, na sua última gestão, embora tenha criado mais Secretarias na Prefeitura, estas, juntamente com a sua equipe de governo, não estavam tendo entrosamento e parceria para governarem juntos. Além disso, lembremos também da dívida social contraída pela ditadura com a sociedade. Essa dívida para com a sociedade está na intenção de deixar o povo sem escola. Em decorrência disso, os funcionários públicos mineiros vão se tornando muito mal valorizados até pela própria sociedade, sendo que Uberlândia é uma das cidades mineiras que mais arrecadam ICMS do Estado de Minas-Gerais, além de muitas outras taxas que pagamos ao governo, uma delas que se tornou abusiva foi o

---

<sup>52</sup> Câmara Municipal de Uberlândia. Presumo que seja de 2002.

IPTU. Portanto, recursos o governo tem. A questão é, para onde vão estes recursos, se não são gastos com funcionários públicos e com construção de escolas, ou em outra área social? Não é possível uma cidade do tamanho de Uberlândia e em crescimento, receber apenas uma escola estadual na administração municipal de 2002 à 2005, por mais que tenha havido cortes, como disse o jornal, na área da educação.

Sobre o problema referido acima, da educação, e os outros problemas enfrentados pelos moradores do bairro, a moradora Noemia Magdalena de Souza, nos narra que: “ *Falta de brigar, de reivindicar num foi, a gente mandava ofício quase todo dia pra Prefeitura.*”<sup>53</sup>

Como estudante de História eu tenho a curiosidade de saber se as mulheres do bairro Minas-Brasil continuaram atuando, se foi uma boa experiência, como foi, ou o que causaram os confrontos e as lutas cotidianas até agora mencionados. Segundo elas, foram se agravando problemas pessoais, as crianças foram crescendo, e as mulheres tiveram que trabalhar fora de casa para manterem seus filhos estudando, houve também perda de familiares, problemas de saúde, e até mesmo casos de depressão, que foram distanciando-as e impedindo-as de permanecerem com o mesmo objetivo, com a mesma “garra”. Algumas chegaram a dizer que o fardo era pesado demais, pois muitas delas já não podiam contar com seus pais, devido a sua falta, sendo outrora seus apoios, para ficarem com seus filhos; enfim, elas já não dispunham de tempo mais. Essas circunstâncias acabaram tornando-se sufocantes e interferiram na vida comunitária, inclusive dessas primeiras moradoras. E, pelos relatos, elas se desligaram completamente da Associação. E outras pessoas entraram em “cena” para buscar melhorias para o bairro.

Mas, como podemos interpretar esses relatos acima, essas atitudes que foram tomadas por essas moradoras? A fala da moradora

---

<sup>53</sup> Noemia Magdalena Ribeiro de Souza. Data de Nascimento: 11/01/1954. Foi presidente da Associação de 1990-1993. Escolaridade: 5.série. Profissão: Oficial de Cozinha. Natural de Patos de Minas, MG. Hoje ela mora no bairro Jardim América. Entrevista realizada em setembro de 2005.

Ilma Maria de Jesus descreve como se sentiu, durante os anos em que esteve à frente da Associação:

*"Foi muita humilhação, muita falta de consideração com o pessoal do bairro. O pessoal sofrendo aqui. Nós sofremos demais aqui, nós fomos humilhados na Prefeitura porque o bairro é considerado de invasões."*<sup>54</sup>

A questão que a entrevistada levanta foi uma das justificativas utilizadas pelos órgãos públicos para não atender as suas reivindicações; diziam eles que o bairro era ilegal, porque os moradores não dispunham das escrituras de suas casas, e por isso os funcionários públicos muitas vezes argumentavam em cima disso, dizendo que o bairro Minas-Brasil não existia. Mas os primeiros moradores desse bairro adquiriram os seus terrenos através de contratos de compra e venda; embora não registrados na época, os moradores pagaram tudo direitinho. Essas questões das "invasões" no bairro estavam ocorrendo mais intensamente no final da década de noventa. Além disso, quando se fala de "invasões" lembra-se logo de "invasores", embora os moradores do Minas-Brasil não se contituíssem em "invasores" ou baderneiros, mas eles foram vistos como tais. E, por isso, eles se sentiram discriminados, principalmente quando tiveram que dialogar com os representantes do poder público. Além disso, os moradores do Minas-Brasil caracterizavam-se como pessoas simples, honestas e trabalhadoras. Portanto, ser tratado dessa maneira pelo poder público era bastante doloroso para eles. Enfim, quando a entrevistada menciona que se sentiu humilhada na Prefeitura é devido a esses fatores. Essa questão das "invasões" será tratada mais detalhadamente no capítulo dois.

---

<sup>54</sup> Ilma Maria de Jesus. Data de Nascimento: 08/05/1961. Profissão: Doméstica. Natural de Dolores do Indaiá, próximo à Belo Horizonte. Ela mora no bairro à 16 anos. É moradora da rua do Paiol, n.1653. Ela foi presidente da Associação em 1998. Entrevista realizada em setembro de 2005.

De tudo o que foi discutido aqui, e pensando nos significados das lutas dos moradores, eu concordo com a colocação de Alvarenga, que diz o seguinte:

*"O resultado parece ser que não se luta no sentido de superar a contradição social fundamental entre capital e trabalho, mas sim se cria a ilusão da possibilidade de resolvê-la dentro da ordem, via acesso das grandes massas populacionais aos bens e serviços. Daí que o questionamento da ordem social, das relações sociais, dos valores que a sustentam se esvazia."*<sup>55</sup>

Na análise de todo esse processo, algumas considerações merecem ser apontadas. Primeiro, não desconsidero a participação dos homens nesse processo histórico de formação do bairro Minas-Brasil, porque eles estavam no trabalho enquanto as mulheres, mesmo com tempo escasso, estiveram se dispondo a lutar para conquistar melhorias para o bairro. No entanto, quero ressaltar <sup>ou importação</sup> dessas famílias que se deslocaram de municípios vizinhos, podendo assim serem caracterizadas como migrantes. Quando essas pessoas se dirigem para Uberlândia elas vêm em busca de trabalho; no entanto, depois disso, elas são confrontadas com outras necessidades, porque é um novo ambiente, é o ambiente da cidade. Então surge a necessidade de buscar estudo, de desenvolver o bairro, de consumir coisas que a cidade oferece. Na <sup>busca de</sup> satisfação de suas necessidades, elas tiveram que se confrontar com o poder público para fazerem valer seus direitos. Mas, ao longo dessa trajetória, os valores das mulheres foram sendo reelaborados, quando passaram a conviver no ambiente da cidade. Isso ocorreu de forma abrupta e foi percebido quando elas omitiram algumas questões que lhes trouxeram decepção. Os fatos que aparecem para se constatar isso está nas mil e uma desculpas que elas argumentaram para não continuarem lutando pelo bairro, chegando a se desligarem completamente. Concluindo, a força de vontade, o otimismo foi

<sup>55</sup> ALVARENGA, Nizia M. *As Associações de Moradores em Uberlândia: Um estudo das práticas sociais e das alterações nas formas de sociabilidade*. Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo, junho de 1988, p.196.

substituído pela frustração, embaraço, desapontamento provocados, ao longo das suas trajetórias em busca de melhorias para o bairro, no confronto com o poder público que foi desigual e desleal no tratamento das questões sociais.

Mesmo que ainda hoje o bairro seja ocupado de forma irregular, as famílias que lá estão têm maiores probabilidades de encontrar trabalho, escola para os filhos, mesmo tendo que se deslocar para outros bairros e, de uma forma mesmo que precária, estão instalados, isto é, têm seu próprio teto, não precisando se preocupar em pagar aluguel ou com moradia. Hoje o bairro Minas-Brasil está praticamente povoado e tem uma infra-estrutura razoável, apesar dos problemas lá existentes. No entanto, ainda faltam no bairro áreas de lazer, como praças, pólio-esportivos, farmácias, posto de saúde e escrituras das casas em que moram. O bairro conta com alguns pequenos comércios.

A Associação de Bairro continua atuando, tanto é que em 2002 houve uma disputa acirrada entre as duas chapas que ~~estavam~~ <sup>concorriam pela</sup> disputando a administração dela: Nosso Bairro e Chapadão. Segundo Ata da Assembléia Geral dos moradores do bairro Minas-Gerais, o número de votantes em 2002 foi de 1.145 pessoas.<sup>56</sup> No entanto, hoje os moradores reclamam que não são convidados para as reuniões da Associação. Esta, a partir de 1998, passou a realizar votações de quatro em quatro anos, sendo que anteriormente a votação da diretoria ocorria anualmente. Segundo Ata da Associação de Moradores do Bairro Minas-Gerais,<sup>57</sup> essa forma de atuação, em quadriênio nas eleições, faz parte de uma norma do estatuto do CEC(Conselho de Entidades Comunitárias). Portanto, vemos que, a partir dessas normas acima, os grupos comunitários têm se enfraquecido ainda mais. Hoje as pessoas mal conhecem quem é seu vizinho, quanto mais se preocupar com as pessoas ou com os problemas da sua comunidade.

<sup>56</sup> Ata da Associação de Moradores do Bairro Minas-Gerais. P.12.

<sup>57</sup> Idem, idem, 09 de abril de 2002, página avulsa.

Portanto, percebo que desse período estudado até aos nossos dias, em 2006, no término do primeiro mandato da presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, passaram-se apenas vinte e cinco anos e houve nesse meio tempo uma mudança brusca na nossa sociedade em vários aspectos. Um deles está relacionado à política atual, pois já não existe mais uma ideologia partidária. Está posto em nossos dias a força do capital, do imperialismo e da globalização. Depois disso, o que está por vir?



Rua Betim Paes Leme. Bairro Minas-Gerais. 2006  
Arquivo da autora



Rua Silos. Bairro Minas-Gerais. 2006  
Arquivo da autora.

## Capítulo 2

### Os problemas advindos da formação irregular do Bairro Minas-Brasil.

*"Os poetas e escritores que admiramos criaram em suas obras um mundo que para nós parece o mais significativo, contrapondo-o a um mundo que também para eles carece de significado e perspectiva. Acreditando que seu gesto não era muito diferente do nosso, levantamos nossos olhos da página para sondar a escuridão" <sup>58</sup>*

As questões trabalhadas neste capítulo enfocam situações vivenciadas ao longo dos anos pelos moradores do bairro Minas-Brasil. Sabemos que o bairro surgiu de forma irregular: cabe indagar quando, como e de que forma isso ocorreu na época da sua formação. É necessário fazer este retrospecto no tempo, porque os problemas existentes no bairro hoje estão diretamente relacionados às suas origens para não dizer da ação dos primeiros moradores que deram origem ao bairro. Essa volta no tempo nos esclarecerá muitos problemas existentes no bairro hoje, que infelizmente têm causado alguns dissabores para os seus moradores.

Abordo também como ocorreu o loteamento do bairro, que aconteceu de forma irregular, e isso trouxe transtornos primeiramente para seus moradores, depois à Prefeitura e como os ex-proprietários se posicionaram ao longo desses anos sobre esta questão. Alguns problemas estão relacionados ao espaço urbano do lugar, a questões

corriqueiras do cotidiano. Além disso, surgiram mais recentemente várias ocupações, segundo os moradores a partir de 1998: eu diria que a metade do bairro Minas-Brasil é ocupação. Não me deterei nessa temática, no entanto ela será discutida, porque traz um emaranhado de questões, por exemplo, a especulação imobiliária, por um lado, e a solidariedade, por outro, dos próprios moradores ao realizarem a venda ou a troca dos seus imóveis, e a dificuldade dos antigos moradores em conseguir as escrituras dos mesmos. Falando nisso, quais as possibilidades que têm hoje os antigos moradores <sup>para</sup> ~~em~~ conseguir estas escrituras, que andamento foi e está tendo esta questão?

Gostaria de citar aqui um trecho do texto de Pilar, Rosário e Khoury. Para elas: *"A complexidade do real abre para o pesquisador um campo muito vasto de possibilidades de investigação. Imaginamos que a história é a experiência humana e que esta experiência, por ser contraditória, não tem um sentido único, homogêneo, linear, nem um único significado."*<sup>58</sup> O trabalho de pesquisa não é simples, principalmente quando envolve história oral. Eu iniciei essa parte com a transcrição de alguns depoimentos de moradores, tanto antigos, como de recém chegados, sobre o início do bairro Minas-Brasil. São muitas as histórias. Ilma Maria de Jesus e Rafael Luiz Camargo, moradores do bairro Minas-Brasil narram sobre os primeiros tempos:

*"Aqui era uma fazenda quando o dono morreu, ele dividiu a fazenda pra quatro filhos. Então, cada um pegou o seu pedaço. O que aconteceu, cada um vendeu o seu pedaço, entendeu? Loteou e vendeu. Só que teve uns dos dono do terreno que num pagô na Prefeitura sabe, o que tinha que pagar direitinho. Num pagô os impostos. Os herdeiros, os impostos atrasados no tempo da fazenda. O problema é esse."*<sup>60</sup>

<sup>58</sup> CALVINO, Ítalo. "A Palavra escrita e a não-escrita." In: *Usos e abusos da História oral*. Editora Fundação Getúlio Vargas. 2.edição. Rio de Janeiro, 1998, p.147.

<sup>59</sup> VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha e KHOURY, Yara Maria Aun(Org). *A Pesquisa em História*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 8.

<sup>60</sup> Rafael Luiz Camargo. Morador da rua Silvio Romero n. 839. Pesquisa realizada em 20/08/05.

*“ O povo mais antigo do bairro conta que aqui antigamente era uma fazenda, né? E o dono foi e faleceu e não tinha herdeiro. E não tinha ninguém para tomar posse, e a Prefeitura veio e tomou posse da terra toda. Daí foi quando o pessoal começou a invadir.”<sup>61</sup>*

Logo no começo do trabalho de campo, assim que me deparei com a questão das “invasões” no bairro pelos moradores recém-chegados, eu tive a necessidade de compreender como o bairro se iniciou. E, ao questionar os moradores, principalmente os mais antigos, sobre quem eram essas pessoas ou como o bairro surgiu, esses moradores não souberam me responder, apenas fizeram cogitações a respeito dessa questão, como indicado nos seus depoimentos acima transcritos.

Bom Meihy nos diz que: *“Para os oralistas, diferentemente do que se supunha tradicionalmente, não se busca com as entrevistas atingir a verdade ou verdades objetivas. O que emerge sempre é a versão de fatos e nestes casos pouco ou nada valem eles serem ou não legítimos.”*<sup>62</sup> Além disso, *“É preciso pensar os registros não como o real, mas como parte do real, produzidos segundo determinados interesses e valores.”*<sup>63</sup> O trabalho de interpretação é discutido por Ítalo Calvino: *“ Ler não é tanto um exercício óptico, e sim um processo que envolve mente e olhos, um processo de abstração, ou melhor, é extrair o concreto de operações abstratas como identificar sinais característicos, reduzir tudo que vemos a elementos mínimos, reuni-los em segmentos significativos, descobrir ao nosso redor regularidades, diferenças, repetições, exceções, substituições, redundâncias.”*<sup>64</sup>

<sup>61</sup> Ilma Maria de Jesus. Foi presidente da associação em 1998. Data de Nascimento: 08/05/1961. Profissão: Doméstica. Natural de Dorés do Indaiá, próximo de Belo Horizonte. Ela mora no bairro Minas-Gerais à 16 anos. É moradora da rua do paiol coma Betim Paes Leme, n.1653. Entrevista realizada em setembro de 2005.

<sup>62</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo. Edições Loyola, 2.edição, maio de 1998, p.26.

<sup>63</sup> VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha e KHOURY, Yara Maria Aun. (Org). *A Pesquisa em História*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p.34.

<sup>64</sup> CALVINO, Ítalo. “ A palavra escrita e a não escrita, In: *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas, 2.edição, RJ, 1998, p.145.

Os depoimentos falam da construção do processo histórico do bairro. Nele, os sujeitos históricos têm necessidade de encontrar justificativas ou explicações para os acontecimentos atuais, mesmo que isso não passe de cogitação, mas não deixa de ser importante para o pesquisador. No seu trabalho com as narrativas orais, Yara Aun Kroury, chama nossa atenção para essa importância:

*“Investigar suas narrativas tem possibilitado descortinar espaços e modos de trabalhar e morar, dimensões simbólicas da cartografia de cidades, além de permitir identificar e compreender melhor modos como esses moradores projetam, disputam, constroem seus territórios na cidade; modos como circulam por ela, usam-na e dela se apropriam, enraizando-se nela.”*<sup>65</sup>

Desde o primeiro capítulo venho me deparando com a luta dos moradores do bairro Minas-Brasil junto à Prefeitura, ao Fórum, aos antigos donos do loteamento, a fim de regularizar a situação ilegal do bairro, inclusive em relação às escrituras dos seus inóveis. Não se pode afirmar que não houve muitas tentativas nesse sentido por parte dos moradores. Essa questão estava entre as prioridades deles, como observei no jornal local, nos ofícios, e nas entrevistas. Por isso, analisei mais a atuação de outros envolvidos nessa questão além dos moradores, como a Prefeitura, os antigos donos das glebas de terras, a atuação da justiça, os quais se constituíram nos maiores responsáveis pelas dificuldades na regularização do bairro Minas-Brasil. E os possíveis interesses em jogo.

O jornal *Correio de Uberlândia*<sup>66</sup> traz uma matéria que diz o seguinte:

*“O problema mais grave existente no bairro, de acordo com os moradores, é a falta de escritura dos terrenos adquiridos. O*

<sup>65</sup> KROURY, Yara Aun. “Narrativas Oraís na investigação da História Social,” In: *Revista Projeto História*. São Paulo: Educ, n.22, junho/2001, p. 95.

<sup>66</sup> *Jornal Correio de Uberlândia*. Terça-Feira, 24 de novembro de 1992, p.10.

*comerciante Euclides Machado dos Reis contou que a maioria comprou terreno de um advogado que forneceu apenas um contrato, mas não providenciou as escrituras. Com isso a comunidade constrói suas casas sem que as plantas sejam aprovadas pela Prefeitura até que um juiz decida a situação."*

Mais abaixo a reportagem afirma: a prioridade é a escritura dos terrenos. Portanto, vemos que o problema da legalização das escrituras permeou os anseios dos moradores do bairro Minas-Brasil, e esse foi um dos fatores que me aguçou a trazer essa discussão para este trabalho. E isso se tornou improvável à medida que o bairro passou a ser mais intensamente ocupado por novos moradores. Além disso, as ocupações também causam transtornos aos ocupantes devido à burocracia do setor público em realizar serviços de infra-estrutura nos locais de suas moradias e isso tem implicações na vida das pessoas. De acordo com Soares:

*" O espaço urbano de Uberlândia foi visivelmente marcado por grandes transformações a partir de 40. A industrialização, a diversificação do comércio e do setor de serviços, a construção de Brasília, a intensificação do capitalismo no campo e o fortalecimento da malha rodoviária aprofundaram a divisão social do trabalho, materializada no espaço urbano através de uma maior divisão das classes sociais, gerando assim um espaço pleno de contradições e conflitos, acompanhando a própria dinâmica da formação social brasileira." <sup>67</sup>*

Na década de setenta, as populações pobres estavam passando por dificuldades devido o país estar vivendo num momento político instável, pois tínhamos inflação alta, salários congelados e, por outro lado, altos aluguéis. Concordo com Reis quando, ao analisar o cenário nacional, a autora afirma que: *"Na década de setenta, o país viveu a euforia do chamado Milagre Econômico Brasileiro, quando governo e*

---

<sup>67</sup> SOARES, Beatriz Ribeiro. *Habitação e produção do espaço em Uberlândia*. Dissertação de Mestrado em Geografia. São Paulo, junho/1988, p.38.

empresários exultavam ao mostrar as taxas de crescimento da economia brasileira.”<sup>68</sup> Na cidade de Uberlândia:

*“Esse modelo de cidade apresenta-se marcado por uma desenfreada busca de progresso, que se materializa em ações de implantações de indústrias, construção de grandes obras públicas, modernização do sistema de transportes e vias de circulação para acelerar o fluxo de pessoas e mercadorias, alta informatização dos serviços e propagandas em grande escala, de mão de obra especializada, entre outros.”*<sup>69</sup>

Diante desses fatores, Reis coloca o que constatou no seu trabalho de campo:

*“ O nosso contato com as pessoas, ao relatarem as suas vivências, tem demonstrado um caminho marcado por disputas acirradas pelo espaço, pelo lugar de morar, inseridas num jogo de complexas relações, balizadas em critérios desiguais, nas quais a condição financeira quase sempre é o elemento mensurador para se obter uma casa.”*<sup>70</sup> ...*“Na década de oitenta, percebeu-se uma euforia do poder público local, com a Política de Habitação, desdobrando-se na construção de vários conjuntos residenciais, visando contemplar, sobretudo, os assalariados de baixa renda. Entretanto, por detrás deste fervilhar, o “corpus” documental traz para a “mesa” a existência de um jogo de interesses entre o poder público e os grupos privados. A política adotada propiciou, por meio da “falácia” da casa própria aos trabalhadores pobres, uma perversa especulação imobiliária.”*<sup>71</sup>

<sup>68</sup> PETUBA, Rosângela Maria Silva. *Pelo direito à cidade: experiência e luta dos ocupantes de terra do bairro Dom Almir*. Uberlândia (1990-2000). Dissertação de Mestrado em História – Uberlândia, UFU, 2001, p.28.

<sup>69</sup> Idem, idem, p.76.

<sup>70</sup> REIS, Márcia Vieira dos. *Entre viver e morar: experiência dos moradores de conjuntos habitacionais – UDIA – 80-90*. Dissertação de Mestrado em História. UFU, Uberlândia, MG, 2000, p.63.

<sup>71</sup> Idem, idem, p. 23.

Portanto, eu começo discorrendo sobre estas questões analisando a forma como ocorreu o loteamento no bairro, partindo do depoimento de Maria da Conceição de Freitas Ferreira, primeira moradora do bairro. Na época em que os terrenos do Minas-Brasil foram colocados à venda, isso ocorreu nos finais da década de setenta, através de um advogado cujo nome é Ceuts Rodrigues de Souza, representante dos vários proprietários de terrenos ali existentes, entre eles os nomes mais mencionados foram os de João Lopes e Ângelo Cunha Neto, o que também nos informam os documentos pesquisados.

Na época que ocorreu a venda desses terrenos aos moradores, tudo ocorreu de forma muito irregular como já mencionei. Primeiro os proprietários dos terrenos não tiveram o projeto de loteamento aprovado pela Prefeitura, pois na época o projeto não obedecia aos requisitos da legislação municipal. Em 1977, quando o primeiro habitante se instalou no bairro, Delfim Ferreira dos Reis, o projeto de loteamento era regido pelo artigo 23 da lei n 2.584 de 1976 e pelo decreto n 1261 de 1976, o qual exigia dos proprietários áreas para construções de instituições e áreas de recreação, além da obrigação do proprietário de construir a infra-estrutura básica no bairro, tais como, instalar rede de água, colocar energia, rede de esgoto e abrir ruas no bairro. No entanto o loteador não obedeceu nenhuma dessas exigências legais; por isso o tal projeto não foi aprovado. Na verdade eu não sei o que constava nesse projeto inicial de loteamento do bairro Minas-Brasil apresentado pelo loteador, mas segundo um documento emitido pela Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano, referente ao relatório de loteamento Minas-Brasil, não tinha sido encontrado, até 2002, as diretrizes iniciais relacionadas ao loteamento Minas-Brasil. Portanto deduz-se que o loteamento ocorreu de forma aleatória no bairro como imaginávamos. Já no contrato de compra e venda, que os moradores possuem, não há menção de promessa de infra-estrutura no bairro aos moradores. O que pude observar no contrato é a existência de algumas cláusulas referentes ao atraso de prestações das mensalidades dos mencionados lotes. No entanto, a lei em vigor na época, ou seja em

1976, prescrevia infra-estrutura para o bairro, que era de responsabilidade do loteador.

No entanto, os proprietários dos terrenos não acataram as decisões da Prefeitura e começaram a vender lotes sem nenhum planejamento urbano prescrito nas leis municipais. E, isso ocorreu de forma muito rápida. E era interesse também dos moradores que o bairro fosse povoado o mais rápido possível. Além de não obedecerem as leis municipais mencionadas acima, ainda foram construídas casas e ruas de forma aleatória, isto é, os proprietários também não levaram em consideração as leis que regiam o código de obras então vigente no município, isto é, a metragem correta dos terrenos e o local apropriado para abrir as ruas, pois na época era tudo mato, e isso foi feito de qualquer maneira. Neste ínterim casas foram construídas em locais errados. Quando a Prefeitura tentou resolver a situação do bairro com a aprovação do projeto de loteamento em 1982, através da sanção da lei n. 3.796, o fez sem as exigências contidas nas letras b e c do decreto de 1976 mencionado acima, o que exigia que o loteador deixasse áreas destinadas à recreação e ao uso institucional. Além dessas alterações acima na legislação a fim de facilitar a aprovação do loteamento do bairro, *"suruiu também em 1982 uma reformulação da lei 2.584 de dezembro de 1976, a qual isentava o loteador de construir a rede de esgoto, quando o loteamento fosse popular e estivesse localizado fora do raio de 4.000 metros a contar da Praça Sérgio Pacheco."*<sup>72</sup> Portanto, neste caso, será que a criação desta lei estaria ajudando os moradores ou dificultando ainda mais as suas condições de vida que já eram difíceis? A regularização do bairro não poderia ser feita de qualquer maneira, sem estar levando em conta o bem estar dos moradores. Assim, por volta de 1982, a Prefeitura manda passar patola e abrir ruas no bairro, tendo que desmanchar algumas casas que estavam em cima das ruas que deveriam ser construídas, segundo o mapa projetado pela Prefeitura. E assim outro mapa espacial do lugar começou a ser formado

---

<sup>72</sup> MOREIRA, Helvécio Domingos. *Formação e Desenvolvimento dos Bairros Periféricos em Uberlândia. Uberlândia-MG. 1991. Universidade Federal de Uberlândia, p.93.*

recebendo os lotes uma metragem especificada em 10 por 30m (pois antes os lotes do lugarejo mediam 12,6 por 27m), a formação de quadras, pois antes existia aberto apenas uma rua principal, a rua Ceres e a Silvio Romero, a numeração de casas, além da obrigatoriedade de construir meio-fios, sargentas, calçadas, fazer terra-planagem, etc, de acordo com o regimento vigente na época, os quais até então eram inexistentes ou não foram obedecidos pelo loteador, embora na gestão de Zaire Rezende, de 1983-1986, não existisse uma Secretaria específica para tratar desses assuntos.

Através do estudo dos documentos disponíveis pude entender o que ocorreu na época, do porque do bairro não ter sido legalizado. Para isso estudei o processo n. 23.921 em tramitação no cartório do 2. Ofício de Uberlândia,<sup>73</sup> o qual menciona que o proprietário dos lotes, João Lopes, sua mulher e outros, não obedeceram a lei federal n. 6.766 de 1979, que obrigava em seu artigo 18 que o loteador enviasse ao cartório de registro imobiliário os documentos necessários para o registro do projeto de loteamento, "sob pena de caducidade da lei". Esse artigo dispõe que o projeto de loteamento após ter sido aprovado pela Prefeitura, o que ocorreu em 1982, devia ser registrado em 180(cento e oitenta) dias para que enfim o bairro tivesse sua situação regularizada. O mencionado registro não foi providenciado, nem pelo loteador originário, João Lopes, e nem pelos loteadores posteriores, neste caso um dos mais mencionados pelos moradores foi Angelo Cunha Neto, porque foi ele quem mais repassou lotes no final da década de setenta e oitenta através da imobiliária Chaves Corretora, como era conhecida na época. Ainda no processo que está em tramitação na justiça, menciona que o único documento que se encontra arquivado no Cartório de Registro de Imóveis é a planta do loteamento que não tinha e não tem nenhuma validade para se efetuar o registro dos imóveis como requeria a lei acima. Acontece que mesmo a Prefeitura tendo aprovado o projeto de loteamento em 1982, ele acabou perdendo a validade devido ao que ocorreu acima e por isso a situação do bairro não foi legalizada. Mesmo

<sup>73</sup> Prefeitura Municipal de Uberlândia. OF. PGM. N.149/86. Uberlândia, 02 de outubro de 1986.

depois dessa irregularidade praticada pelos proprietários, os lotes continuaram a ser vendidos no bairro.

Mais tarde, em 1986, a Prefeitura tentou novamente regularizar a situação do bairro.<sup>74</sup> O projeto de regularização do loteamento foi aprovado pela Prefeitura de Uberlândia em novembro de 1987 com amparo legal no decreto-lei 271/51, artigo 5, e na lei municipal n. 3258 de 1980. Para o município regularizar o loteamento Minas-Brasil, ele teve que entrar com uma ação de desapropriação contra o loteador João Lopes e outros, a qual foi parar na quarta Vara Cível. Ainda segundo o documento, para o município se imitir na posse da área desapropriada, teve que depositar o valor avaliado para ela. Por isso em abril de 1986 foi depositado na Caixa Econômica Estadual, em nome do juízo da 4. Vara Cível, a importância de Cz\$ 101.000,00( cento e um mil cruzados). A partir daí, o município assumiu posse da área desapropriada, que é o Minas-Brasil. No entanto, pelas leis vigentes da época o município não ressarcia ou considerou as benfeitorias que tinham sido construídas até então, com a justificativa de que o bairro era ilegal. Depois disso, o que faltou para regularizar os lotes no Minas-Brasil foi providenciar a averbação da área e posteriormente registro do loteamento, que ocorreria no prazo de 60 dias. No entanto o loteador originário, João Lopes e outros( Cunha Imobiliária Incorporadora Ltda) entraram com recurso na justiça contra o município, requerendo a titularidade da área. Portando essa “briga” com o município de Uberlândia vem desde 1986.

No entanto, segundo o documento da Prefeitura referente ao Relatório de Loteamento Minas-Brasil,<sup>75</sup> essa irregularidade começou desde o loteador originário, o Sr. João Lopes e sua mulher, que eram legítimos proprietários de uma gleba de terras situada na Fazenda Buriti, lugar denominado Tamanduá, onde deu origem ao que é hoje o Minas-Brasil. Segundo o documento mencionado acima, a partir de 1952, o proprietário João Lopes passou a vender partes de sua gleba em forma

---

<sup>74</sup> Idem, idem.

<sup>75</sup> Prefeitura Municipal de Uberlândia. Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano. Relatório Loteamento Minas-Brasil.

de ares, que, por sua vez, lotearam clandestinamente através de planta particular, em 1951, a mesma área e venderam quadras e/ou lotes. Acredito que essa transação econômica ocorreu de forma gradativa e lentamente, em se tratando da questão do tempo, porque essa região só veio a ser habitada nos finais da década de setenta, quando surgiu o primeiro morador no bairro, segundo depoimento dos próprios moradores. Tanto é que o projeto de loteamento do bairro foi elaborado em 1979 e aprovado em 1982 pela Prefeitura. No entanto, no documento, como transcrevi acima, diz que a terra em forma de ares foi loteada clandestinamente em 1951. Ela pode até ter sido loteada pelo proprietário, mas não foi vendida isoladamente a outras pessoas porque, como eu disse anteriormente, o bairro só foi povoado em fins da década de setenta. Tem-se também nesse mesmo documento que essa planta elaborada em 1951 não foi aprovada pelo município na época. Então temos aí a gleba sendo dividida em ares, depois sendo loteada, ficando provavelmente retida na mão do proprietário por alguns anos.

No entanto, bem mais tarde, em 1977, os lotes foram repassados ou revendidos a famílias carentes pela Cunha Imobiliária Incorporadora Ltda, através do sócio gerente dela, Angelo Cunha Neto, através de uma planta de loteamento particular. Provavelmente os proprietários das glebas resolveram precipitadamente vender os lotes de forma ilegal, porque nos fins da década de setenta houve um inchaço urbano devido ao parque industrial em formação, aos movimentos migratórios locais e ao aumento do número de favelas em Uberlândia: todos esses fatores fizeram com que os loteadores e as imobiliárias se precipitassem em abrir loteamentos de forma clandestina, a fim de não perder a “clientela” e o capital que poderia vir como retorno para eles, tanto é que a região do Minas-Brasil está nas proximidades do setor industrial.

Além disso, temos que em Uberlândia, nessa época, “o aumento do número de estabelecimentos industriais é um outro dado significativo na tabela: 271 em 1970 e 799 unidades, em 1980. ...Do mesmo modo, o pessoal ocupado na indústria passou de 2.426 em 1970 para 20.067 em

1980.<sup>76</sup> Portanto, houve um aumento impressionante neste setor, por isso entendo que através do aumento do número de indústrias no início dos anos oitenta, esse fator se constituiu como um dos principais pólos de atração e responsável pelo surgimento dos loteamentos irregulares em Uberlândia. Por outro lado, temos os fundadores do bairro como um dos maiores responsáveis pela desorganização do espaço urbano do lugar, porque segundo os primeiros moradores os lotes foram adquiridos dessa imobiliária ou de seu advogado Celts Rodrigues de Souza.

Dessa forma, o bairro Minas-Brasil passou a existir, de maneira irregular e ilegal perante o município, possuindo vários mapas de loteamentos distintos, dificultando a vida dos moradores por conta disso. Portanto, o problema da irregularidade do bairro Minas-Brasil não é oriundo de ocupações ou "invasões", mas da má fé dos ex-proprietários de glebas que deram origem ao bairro, pois os moradores pagaram pelos lotes que adquiriram na época, inclusive com promessa de escritura em 30 dias, com promessa de água e energia aos moradores. E essa negociação segundo os moradores foi realizada através do advogado corretor Celts Rodrigues de Souza, que inclusive continua atualmente frequentando o bairro. Quando tentei investigar essa questão com uma das moradoras do lugar, simplesmente ela desconversou.

Então, desde 1986, vem correndo na justiça um processo contra o Município de Uberlândia requerendo a titularidade da área da antiga região do Minas-Brasil. Portanto estarei analisando agora quais as justificativas utilizadas pelos ex-proprietários para continuar impedindo a averbação da área e o registro do projeto de loteamento do bairro Minas-Brasil e o que a Prefeitura alega sobre as contestações dos antigos proprietários do bairro. O fato é que os moradores acabam sendo lesados, incorrendo numa situação de injustiça, dificultando a situação deles, porque eles dispunham de pouco poder aquisitivo para estarem

---

<sup>76</sup> SOARES, Beatriz Ribeiro. *Habitação e Produção do Espaço Urbano em Uberlândia*. São Paulo. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade de São Paulo. 1998, p.77.

recorrendo à justiça e arrumando advogado. Além disso, eles estavam vivendo num bairro que não contava com nenhum tipo de infra-estrutura na época. No entanto isso não impediu os moradores de estarem cobrando dos proprietários uma posição a respeito dessa situação. Em relação a esta questão Joaquim Lázaro, um dos quatro primeiros moradores do bairro nos conta que: *"Nós procurava ele(Angelo Cunha), ele evitava de conversar com nós. Nós procuramos ele na funerária. O escritório dele era lá."*<sup>77</sup> Isso foi feito, além de outras cobranças de infra-estrutura realizados pelos moradores ao advogado dele. Segundo esse mesmo morador, quando o Angelo Cunha vendeu os lotes do bairro às pessoas carentes, ele foi para o Mato-Grosso e ficou um tempo lá: é provável que tenha ficado lá até a situação dele melhorar no bairro.

Portando, dando sequência à problemática introduzida no parágrafo acima, estarei agora analisando as alegações dos envolvidos no processo n. 23.921,<sup>78</sup> O que pude observar nesse processo é que o único citado pessoalmente foi o contestante, João Lopes, ou seja, o Município não individualizou os imóveis pertencente a cada um dos desapropriados ou moradores. Portanto a ação de desapropriação do município ocorreu sobre a gleba nua ou sobre a área não loteada, não valorizando o município as edificações já existentes no bairro pelos moradores, ao ora contestante. Como a ação de desapropriação foi movida em 1986, provavelmente já deveriam existir muitas benfeitorias lá na época. Mas o município não considera a valorização das construções, devido o bairro ter surgido sem o aval dele. E essas questões são alegadas pelo contestante no processo, resultando na não aceitação do contestante, João Lopes e outros, da avaliação da área pelos órgãos técnicos da Prefeitura. Além disso, segundo um documento emitido pela Prefeitura,<sup>79</sup> para questionar o valor depositado sobre a gleba nua, o contestante utilizou da avaliação procedida no bairro Jardim Umuarama

<sup>77</sup> Joaquim Lázaro. Presume-se que foi o oitavo habitante do bairro. Natural de Pedrinópolis, município de Araxá, MG. Profissão: Lavrador. Entrevista realizada em agosto de 2005.

<sup>78</sup> Prefeitura Municipal de Uberlândia. Exmo. Sr. Juiz de Direito da 4.Vara Cível da Comarca de Uberlândia-MG. 09/09/1986.

<sup>79</sup> Idem, idem, p.6.

que está localizado há algumas quadras do bairro Minas-Brasil. Segundo o Município aquele bairro, em 1986, possuía infra-estrutura, não concordando com o contestante sobre a sua alegação.

No entanto, fico pensando qual área do Umuarama está sendo comparada nos autos, porque temos o Umuarama II e o Alto Umuarama, e isto não é especificado no processo. Segundo Ata da Associação de Moradores do Umuarama II,<sup>80</sup> ou Alvorada II, essa região estava sendo pavimentada no início da década de noventa. E é provável que seja essa região comparada pelo contestante, porque estava localizada há algumas quadras do Minas-Brasil. Entretanto o que vemos nos autos só pode ser o ~~Alto~~ Umuarama, porque o município contesta as alegações do ora contestante, João Lopes e outros, dizendo que no local encontrase instalada a Universidade Federal de Uberlândia, Pronto Socorro, etc. Neste caso é claro que estariam sendo comparadas duas regiões com realidades completamente distintas. Mas isto não isenta os ex-proprietários de ter <sup>em se utilizando para</sup> usado de má fé com os compradores dos lotes, pois como vimos anteriormente, eles não obedeceram as prescrições legais a fim de regularizar a situação do bairro em 1982. O que apenas teria de ser realizado era que o ex-proprietário registrasse o projeto de loteamento no prazo de 180 dias após a ação de desapropriação do Município, o que não foi feito, embora tivesse sido notificado várias vezes por esse órgão. A Prefeitura alega atos de má fé do contestador João Lopes e Cunha Imobiliária Incorporadora Ltda, na pessoa de Ângelo Cunha Neto, no processo em análise. O Município se refere no processo à lei federal de parcelamento do solo, que provavelmente estava vigorando nesta época, o decreto lei n.58 de 1937, que diz o seguinte: *“Os proprietários ou co-proprietários de terras rurais ou terrenos urbanos, que pretendam vendê-los, divididos em lotes e por oferta pública, mediante pagamento do preço a prazo em prestações sucessivas e periódicas, são obrigados, antes de anunciar a venda, a depositar no Cartório de Registro de Imóveis da circunscrição respectiva...”* Essa foi a questão discutida anteriormente e explanada

<sup>80</sup> Ata da Associação de Moradores do Bairro Umuarama II, p. 3 e 5.

mais uma vez aqui. Ainda hoje a única documentação arquivada da antiga região do Minas-Brasil no Cartório de Registro de Imóveis é a planta do loteamento. No entanto, o oficial do cartório vem registrando lotes através dela; para se fazer isso tem-se que ter quitado todos os IPTUS, o ITBI, e várias outras taxas cobrados pela Prefeitura. Por um lado isso é bom, porque os moradores têm uma certa garantia com relação a outras pessoas que possam vir a requerer o mesmo imóvel por má fé. Isso não quer dizer que esse registro dá direito, aos moradores, das regalias de uma escritura devidamente registrada. Eu observei pelas entrevistas que muitos moradores antigos não têm seus imóveis registrados no Cartório de Registro de Imóveis, esse tipo de registro que eu citei anteriormente, e eles são as pessoas que têm possibilidade de conseguirem esse registro, pois nunca houve transferência dos seus imóveis a terceiros.

No documento emitido pela Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano referente ao loteamento do Minas-Brasil<sup>81</sup> foi colocado uma questão interessante:

*“ Todos os proprietários que comprovaram a propriedade concordaram em ser indenizados com lotes, apesar do município ter efetivado um depósito em dinheiro. Essa forma de negociação seria a mais correta no sentido de resolver os problemas de reloteamento de toda a área a fim de regularizar a situação do bairro.”*

No entanto, o bairro não foi possível ser desapropriado individualmente porque um mesmo lote foi vendido várias vezes pelo mesmo loteador, dando origem a terrenos superpostos. Em relação a isso, num recorte do jornal *Correio*, de dezembro de 1989,<sup>82</sup> está escrito que o prefeito Zaire Rezende tentou resolver o problema caso a caso e não conseguiu. No entanto, eu acredito que se a Prefeitura tivesse se empenhado mais nessa questão em 1986 ou antes mesmo teria sido

---

<sup>81</sup> Prefeitura Municipal de Uberlândia. Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano. Relatório Loteamento Minas-Brasil.

possível que a situação do bairro fosse resolvida, porque em 1983, segundo as entrevistas que fiz, a região do Minas-Brasil já contava com 12 casas. E em 1986, teria sido possível resolver essa questão se a Prefeitura não tivesse desapropriado a região em forma de gleba nua; mas foi só em 1989 que o Prefeito teve iniciativa de resolver o problema caso a caso: Na verdade deixou complicar muito a situação do bairro para enfrentar seriamente o problema, e a Prefeitura hoje é que acaba sendo uma das mais prejudicadas, porque não recebe imposto dos moradores como receberia se tivesse resolvido naquela época a questão, porque de qualquer forma os moradores do bairro acabam requisitando da Prefeitura a resolução dos problemas de comprovação do imóvel.

É um direito dos moradores terem suas escrituras, porque eles pagaram as prestações dos seus terrenos no tempo estabelecido pelo contrato. E tudo que o bairro dispõe hoje em infra-estrutura foi uma conquista dos próprios moradores, o que torna mais justo ainda que essa situação fosse resolvida. Na reportagem do *Jornal Correio de Uberlândia* que foi mencionada acima, em 1989 já haviam sido construídas no bairro cerca de 75 casas, nas quais estavam morando cerca de 700 pessoas. Portanto, partindo da análise desse documento, nessa época já não era possível mais resolver a situação do bairro através da renegociação de lotes aos proprietários, pois o bairro já tinha crescido muito e por isso tornou-se improvável a comprovação da propriedade dos lotes pelos moradores, devido ao aumento da irregularidade no bairro que ocorreu desde a fundação dele.

Já num outro documento, um abaixo-assinado elaborado pelos próprios moradores do bairro, com data de 1989, diz que cento e vinte pessoas que tinham adquirido imóveis estavam solicitando da Prefeitura a liberação de suas escrituras. Mais uma vez vemos que nessa época o bairro já estava muito populoso, portanto sendo mais difícil regularizar a situação dele. Contudo quero ressaltar mais uma vez que a Prefeitura foi

---

<sup>82</sup> *Jornal Correio de Uberlândia*. 20 de dezembro de 1989, p.5.

regularizar a área do Minas-Brasil com pessoas, que como vimos, desde o princípio agiram de má fé com os moradores do bairro, e essa negociação da Prefeitura com o dono da gleba nua resultou no que se poderia esperar mesmo; portanto, faltou por parte da Prefeitura mais seriedade no tratamento dessa questão no bairro. O que podemos abstrair desses fatos ocorridos no Minas-Brasil está no ponto de vista de Soares, que analisa como o poder público tem exercido um papel importante na consolidação das relações capitalistas, excludentes, na cidade:

*"Ao poder Público coube, desde a fundação do arraial, o papel de gerar condições para a expansão da cidade. Sua atuação, entretanto, privilegiou a classe dominante, seja por doações de terrenos, por provimento de infra-estrutura, ou por isenção de impostos para cada novo investimento. Esse comportamento resultou na produção de um espaço urbano multifacetado, com áreas urbanizadas entremeadas de espaços vazios, facilitando o processo de estratificação social e incentivando a especulação imobiliária."*<sup>83</sup>

De acordo com o informativo da Associação de Moradores<sup>de</sup> 2002 o processo encontra-se na sétima Vara Cível.<sup>84</sup> Nessa época, em 2002, o juiz Dr. Roberto Ribeiro de Paiva Júnior iria pedir nova avaliação do loteamento. Segundo esse documento, se isso ocorresse, o processo iria prolongar mais alguns anos. Os moradores fazem um apelo ao juiz para que não mandasse fazer nova avaliação da área a fim de que o processo não retardasse ainda mais. Mas o que os moradores poderiam fazer é entrar com recurso da sentença, segundo o esclarecimento do juiz.

Eu fui ao Juizado Especial com curiosidade de olhar o processo do Minas-Brasil referente a esta questão, mas não foi possível naquele dia porque um advogado tinha acabado de pegar o processo e, segundo

<sup>83</sup> SOARES, Beatriz Ribeiro. *Habitação e Produção do Espaço em Uberlândia*. São Paulo. Dissertação de Mestrado em Geografia. 1998. P.38

<sup>84</sup> Informativo da Associação de Moradores do Bairro Minas-Gerais. Edição: dezembro/2002.

informação da atendente, não tinha prazo definido para que o processo retornasse ao juizado. No entanto eu peguei o andamento do processo do bairro Minas-Brasil, e nessa pesquisa foram sete baixas realizadas, algumas dessas são referentes à terceira família/sucessões, a qual trata de divórcio litigioso, outro se refere também à terceira família relativo à separação consensual, outros embargos de terceiros contra João Lopes, outros protestos da Fazenda Pública contra João Lopes e outros relativos à desapropriação e despejo, e com certeza existem outros processos em andamento no Minas-Brasil que estão correndo atualmente na justiça e que não foram mencionados nestas linhas. No entanto, o meu intuito neste parágrafo foi destacar os problemas advindos da formação irregular do bairro Minas-Brasil.

Em relação à titularidade da área, o município não vai abrir mão dela, porque pagou por ela, e os moradores vão ficando sem solução com relação a este problema. Esta causa está na justiça há mais de vinte anos, é portanto necessário que a Justiça decida esta situação do bairro. O problema é que os moradores novos renegociam ou passam para frente um mesmo lote várias vezes, não se sabendo ao certo quem é o dono.

No momento da realização das entrevistas, quando perguntei como os moradores se insiálaram no bairro, muitos moradores reagiram imediatamente, sendo hostis, agressivos, desconfiados, pois tinham medo <sup>de</sup> ~~em~~ que eu requeresse ou tomasse deles os lotes, como já tinha acontecido com alguns deles. Alguns moradores do bairro não quiseram nem me dar entrevista, mesmo eu mostrando a minha boleta de matrícula no curso de História da UFU. Outros, falaram comigo naturalmente, com segurança, no sentido de que se a sua casa fosse requerida por alguém, eles dispunham dos comprovantes de imposto, de IPTU para apresentar à pessoa. Neste caso, foi até engraçado ouvir o depoimento do entrevistado devido a sua ousadia. Mas as suas reações (acredito) foram normais, pois é mesmo um assunto delicado, sem falar que no bairro existem mesmo as pessoas oportunistas, isto é, que

esperam o morador construir uma casa no terreno para depois vir reclamar a posse dele, além de outras questões que ocorrem nesse sentido. Nem sempre essas pessoas oportunistas moram no bairro.

Um exemplo dessa questão eu tive num suposto contrato de compra e venda de bem imóvel urbano,<sup>85</sup> no qual dizia que o tal vendedor dispunha de dezenove lotes de terrenos no bairro Minas-Brasil e era até especificado os números das quadras. E o mais interessante ainda é que no contrato estava escrito que: *“Imóveis esses, havido por formal de partilha expedido pela Secretaria e Juízo da 8. Vara Cível da Comarca de Uberlândia.”* Além de citar número de matrícula do lote, foi mencionado reajuste baseado no índice nacional de preços ao consumidor, sendo este parte de uma das cláusulas do contrato. O modelo do contrato foi bem feito, é muito convincente, é coisa de advogado, dá para impressionar o interessado. No entanto, é um contrato sem registro, sem carimbo do cartório e sem validade. Além disso, no início do contrato tem o endereço do suposto proprietário, ele mora bem aqui no Centro de Uberlândia, portanto podemos ver que ele não é morador do bairro. Outra questão é que o bairro Minas-Brasil segundo o número do projeto de loteamento n.1370 de Outubro de 1987, tem por proprietário o Município de Uberlândia. Portanto, esse contrato não tem fundamentação. No entanto, o comprador do terreno está morando no lote e tem procurado pagar as prestações dele. Segundo o contrato, o preço dele foi fixado em dez mil reais, a ser pago em 100(cem)parcelas iguais e mensais.

Essas pessoas que moram no bairro se deixam enganar e acabam pagando por uma coisa que não lhes vai oferecer nenhuma garantia ou pagam por um lote que não era necessário desembolsar recursos para adquiri-lo. Aonde está a Prefeitura que não intervêm nessa situação? Por outro lado, por que os moradores não fazem alguma coisa em relação a isso? Será que tem moradores sendo beneficiados com

---

<sup>85</sup> Instrumento particular de contrato de promessa de compra e venda de bem imóvel urbano. Entre Francisco Carlos de Castro e Dionísio Sena Santos Filho. Uberlândia. 05 de outubro de 2004.

essa situação? O mencionado lote fica localizado na rua Manoel Bacman, onde há rua aberta, no entanto, caminhando um pouco mais à frente desse lote temos edificações de casas dispostas de forma aleatória, sem obedecer ao traçado retilíneo devido à inexistência de ruas abertas nesse local, estando estas casas mais afastadas por uma cerca de arame. Soares, ao analisar o processo de apropriação do solo urbano alerta para a função da propriedade privada:

*“ A diferença de apropriação do espaço da cidade pelas classes sociais se deve ao fato do solo urbano se constituir, dentro da economia capitalista, em propriedade privada, portanto, mercadoria, fazendo com que se torne fonte de renda para quem o detém, sejam proprietários de terras ou empresas imobiliárias.”<sup>86</sup>*

No leque de questões referentes à formação irregular do bairro, tenho uma entrevista realizada com o recente ex-proprietário Sebastião Brígido Costa,<sup>87</sup> dos lotes 3, 4, e 5 da quadra 10 da rua do Paiol, os quais foram adquiridos em 1989. Este proprietário é residente do bairro Lídice. Quando fui conversar com ele sobre a forma de negociação que ele estabeleceu com o dono anterior do terreno, o entrevistado não permitiu que fosse gravada entrevista, sendo assim, fiz algumas anotações. Um desses lotes, o n.4 estava sendo repassado ao morador do Minas-Brasil, José Pereira Passos, embora residisse no local há quinze anos. No entanto, no documento da Prefeitura Municipal referente à arrecadação municipal ou extrato de dívida ativa em execução geral por pessoa, traz o proprietário Brígido como inadimplente aos cofres públicos municipais: então o motivo da regularização do imóvel com o morador do Minas-Brasil, José Pereira Passos, foi para regularizar a situação do morador no bairro e inclusive na Prefeitura, porque se o morador não tivesse negociado com a Prefeitura os impostos atrasados desde 1990, o morador e sua família seriam

<sup>86</sup> SOARES, Beatriz Ribeiro. *Habitação e produção do espaço em Uberlândia*. São Paulo. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade de São Paulo. 1998, p.92.

<sup>87</sup> Sebastião Brígido Costa. Data de Nascimento: 11/12/1932. Natural de Araxá-MG. Reside na rua John Carneiro, n.1299, bairro Lídice, Uberlândia-MG. Entrevista realizada em 10/09/2005.

despejados, porque o terreno desse imóvel estava registrado no nome de Sebastião Brígido Costa. Por esses fatos percorridos acima fui visitá-lo em sua casa com a intenção de dialogar com ele sobre estas questões. Segundo Sebastião Brígido, ele nunca recebeu um centavo dos lotes do Minas-Brasil, e disse também que não possuía as escrituras dos lotes, porque na época em que ele adquiriu os lotes não se preocupava com isso. Eu também perguntei sobre os antigos proprietários dos lotes do Minas-Brasil, mas ele não soube responder. No entanto, o documento emitido pelo Cartório do 3. Ofício de Notas diz que compareceram como outorgantes desse bem Sebastiana Silva e Francisco De Oliveira Souza conferindo todos os poderes a Sebastião Brígido Costa sobre o mencionado lote, cujo instrumento público foi lavrado na data de 1989 adquiridos pela outorgante em 1980.<sup>88</sup>

Entretanto, tomando por base a fala de Sebastião Brígido, e contrapondo-a ~~com~~ o documento emitido pela Prefeitura Municipal de Uberlândia referente a extrato de dívida ativa com notificação preliminar n. 23690 de dezembro de 2004, o morador José Pereira Passos, para não perder o imóvel, teve que pagar à Prefeitura a quantia, à vista e com desconto de 90%, de R\$ 2.590,86. O total geral sem desconto, sendo aí contabilizados juros, multa, mais atualização monetária e ainda honorário advocatício ficaria em 4.946,93 reais. Portanto, o morador José Pereira Passos pagou e muito bem pago pelo lote, como destaquei acima, com um detalhe, essa escritura paga por José Pereira Passos não tem as regalias de uma escritura devidamente registrada, mas uma garantia de que agora o imóvel está registrado no cartório em seu nome, porque, como discorri anteriormente, ainda não houve uma sentença final do juiz sobre a área do Minas-Brasil. Reiterando essa questão, a entrevista com o ex-proprietário do lote Sebastião Brígido foi realizada após a negociação dele com o município, pois foi também por este fato ocorrido, que eu resolvi procurar o morador no bairro Lídice.

---

<sup>88</sup> República Federativa do Brasil. Estado de Minas-Gerais – Comarca de Uberlândia. Cartório do 3. Ofício de Notas. Livro 992, folha 155. Escritura Pública de compra e venda que faz(em) Sebastião Brígido Costa e José Pereira Passos. 19 de janeiro de 2005.

Esse caso relatado aqui é importante porque muitos moradores do bairro se encontram nessa situação, isto é, morando há muitos anos em um imóvel, na maioria das vezes pagando IPTU, mas com o imóvel no nome de outra pessoa. No caso acima, a situação ocorrida possibilitou ao morador “regularizar” a situação do seu imóvel, no entanto, isso não é comum ocorrer, porque os antigos moradores, e são vários, não facilitam a transferência dos imóveis aos novos proprietários e moradores, isto quando é possível; porque em relação às áreas ocupadas, tantos proprietários ou moradores já passaram ou moraram nelas que não se sabe verdadeiramente quem é o verdadeiro dono do imóvel, por isso que também, muitos terrenos baldios que se encontram abandonados são ocupados por moradores novos, às vezes até com a complacência dos próprios moradores do bairro, os quais indicam os terrenos desocupados. Existem outros casos semelhantes a este, o que vem reforçar as dificuldades vividas no Minas-Brasil até os dias de hoje.

As complicações do bairro Minas-Brasil não param, pois segundo a entrevista realizada com Kamila Meirelle da Silva,<sup>89</sup> moradora do bairro há seis anos, e residente numa das áreas que foram ocupadas pelos moradores na região do Minas-Brasil, ela nos compartilhou fatos impressionantes que ocorreram no bairro, pelo menos para mim. Por isso ~~que~~ nas linhas subsequentes estarei colocando um trecho da sua narrativa que ~~para mim~~ pareceu-me muito oportuna neste trabalho:

*“... Aqui inclusive, o terreno era bem maior. Mais aí veio uma imobiliária aí e fechou ali e pegou e tirou metade do terreno. E fechou e falou que o terreno cercado era deles. Mas aí ficou só metade do terreno aqui. Eu não sei que imobiliária era essa. Eles trouxe o papel, e chegou e tirou metade do terreno da vizinha e do nosso. De todos os terrenos ele tirou metade do terreno e passou cerca. Só veio uns homens aí e marcou o terreno e falou que ia passar a patrula e separar porque aquele meio lá era da*

<sup>89</sup> Kamila Meirelle da Silva. Nasceu no ano de 1989. Tem 15 anos, ela veio de Jataí, Goiás, no ano 2000 do bairro Santa Rosa para o Minas-Gerais. Ela mora na rua Silvio Romero n.839. Pesquisa realizada em 20/08/2005.

*imobiliária e eles iam construir. E pegou e passou cerca em tudo. Eles falou que era deles, e a gente não pode discutir. Que ia fazer um condomínio aqui; isso faz uns dois meses. Acho que ninguém aqui contestou eles não. E, todo mundo tem medo, pega e dexa. A minha mãe deixou, vai que ela entra na justiça e perde tudo. E pega o terreno inteiro dela. O terreno era 10/40, deve ter ficado 10/25. Eles chegou aí, não falou nada, foi medindo, depois falou que ia passar patrola. Não mostrou documento nem nada. O terreno que cortou era do velhinho. Mas aqui, nessa vizinha nossa, teve até que destruir o muro dela. Teve que desmanchar para eles passar cerca ali....”*

A narrativa da moradora do bairro Minas-Brasil, destaca o oportunismo, a especulação imobiliária, o egoísmo exacerbado do ser humano, a ponto de chegar a prejudicar pessoas que não têm condições de comprar um teto decente para morar, porque, como me disse Meirelle, a sua mãe deu por esse terreno o que ela tinha, ou seja, negociou por ele um som, uma televisão de vinte polegadas e mais um tanto de dinheiro que ela conseguiu economizar. E, por outro lado, vemos pessoas preocupadas em construir condomínios, pois foi isso que o depoimento nos trouxe. Sobre este tipo de acontecimento no bairro e inclusive no contexto espacial mais amplo da cidade, Petuba tece considerações bastante objetivas a esse respeito, dizendo que:

*“ No contexto amplo da produção de mercadorias em nossa sociedade, inclui-se a produção de um tipo de espaço urbano que reproduz a pobreza, não como carência, mas como parte integrante de uma lógica que vem transformando o espaço urbano num imenso e sofisticado mercado, e que uma das mercadorias mais caras é a habitação, que se torna inacessível para a maioria de seus moradores, funcionando como forte fator de exclusão do direito à cidade.”<sup>90</sup>*

<sup>90</sup> PETUBA, Rosângela Maria Silva. *Pelo direito à cidade. Experiência e luta dos ocupantes do bairro Dom Almir*. Dissertação de Mestrado em História. UFU. Uberlândia, 2000, p.78.

Em relação a especulação imobiliária no bairro Minas-Brasil, ela é real embora o bairro seja formado por pessoas carentes, pois nas minhas andanças pelo bairro tomei conhecimento de moradores que além de já ter o seu teto para morar, ainda fazem questão de ocupar o terreno do lado para o seu filho, e o outro para o seu sobrinho, e o outro do lado para alugar ou vender. Inclusive, depois que os moradores conseguiram desenvolver o bairro, trazendo infra-estrutura que valoriza os imóveis, surgiram no bairro casas muito valorizadas, algumas delas sendo avaliadas em torno de cinquenta mil reais. Além disso, posso mencionar também que hoje os terrenos no bairro estão sendo mais valorizados, principalmente depois que foi construída a escola estadual de ensino fundamental no bairro, há umas três ruas acima do Minas-Brasil. Nesses locais existem já terrenos sendo avaliados em quinze mil reais, não devemos esquecer que isso é propiciado também pelo número de indústrias existentes no local. Soares ao abordar o processo de produção do espaço, entende que: *“O espaço geográfico é ordenado, reordenado no decorrer do tempo histórico e, segundo o fim essencial do modo de produção capitalista, que é a produção de mercadorias, a produção de mais valia, e a produção do próprio capital.”*<sup>91</sup>

Entretanto, depois de analisar forma de atuação dos ex-proprietários das glebas de terras e da atuação do poder público sobre estas questões do Minas-Brasil, ficou faltando abordar sobre como vivem os moradores das regiões ocupadas do Minas-Brasil. A princípio, as quadras ocupadas do Minas-Brasil são muitas, dentre as quais a rua da Fartura com a Manoel Bacmam na esquina, a rua do Paiol com a Manoel Bacmam na esquina; a rua Betim Paes Leme com a rua Ceres na esquina, a rua Silos, acompanhando o Muro do Arcon, tudo é ocupação, a rua Ciroso com a Tulha, cortando a Silvio Romero até a Betim Paes Leme e a rua Ceres com a Amaral Coutinho. ( Ver mapa 2 no capítulo 1)

---

<sup>91</sup>SOARES, Beatriz Ribeiro. *Habitação e produção do espaço em Uberlândia*. São Paulo. Dissertação de Mestrado em Geografia. 1998, p.12.

Embora hoje existam casas bem construídas no Minas-Brasil, deve-se ressaltar que a grande maioria das casas estão sem acabamento, no cimento grosso, com edificações ainda precárias, as quais se encontram no tijolão, sem serem rebocadas. Algumas foram construídas rápido, devido a necessidade de um teto para morar, outras ainda não terminaram os alicerces devido a falta de recursos financeiros, em muitas casas foram usados telhas de eternite, etc.



Rua Silos. Bairro Minas-Gerais - 2006.  
(Arquivo da autora).

Para se ter uma noção dessas edificações nesses locais, algumas casas que foram construídas são compridas e estreitas, principalmente na rua Silos, também conhecida como Muro do Arcon, chegando a medir de largura 3,5 metros e de comprimento uns doze metros. Isto ocorre porque estas casas foram construídas em lugar impróprio, inclusive nesse local antes era uma cerca de arame, tendo sido feito depois um muro. As pessoas chegam a construir casas nesses locais porque não têm condições de comprar um lote em outro lugar, ou seja, é aquele o lugar que essas pessoas encontraram para viver e morar, inclusive para não pagar aluguel. Em decorrência disso, na rua Silos com a Silvio Romero, neste cruzamento, não é possível o trânsito de caminhões devido ao pouco espaçamento que sobrou, e futuramente, se for pavimentar esta rua, talvez seja necessário remover estes moradores deste local.

Um outro problema existente no bairro é na rua Manoel Bacmam. Segundo o morador Hélio Antônio de Souza,<sup>92</sup> morador desta localidade, a última casa ~~de lado de baixo~~ desta rua foi construída em cima ~~da rua~~ <sup>dele</sup>, impossibilitando que o poste de energia chegasse até a sua casa, ~~que está localizada na esquina dessa rua~~, tendo este morador dificuldade à noite devido ao beco escuro em que se encontra este local. A respeito disso, gostaria de mencionar também que se observarmos as instalações das redes de luz no local das áreas ocupadas, vamos ver uma certa desorganização urbana com relação a este trabalho da Cemig, pois vemos fios de luz cruzados para todo lado.

---

<sup>92</sup> Hélio Antônio de Souza. Profissão: Pedreiro. Ele veio de Cruzeiro dos Peixotos, distrito de Uberlândia. Ele mora nas imediações do bairro à 25 anos, no Minas-Brasil à 12 anos. É morador da rua Manoel Bacmam, n.2036. Entrevista realizada em setembro de 2005.



Rua Manoel Bacmam. Bairro Minas-Gerais - 2006.  
( Arquivo da autora )



Rua Manoel Bacmam. Bairro Minas-Gerais - 2006.  
( Arquivo da autora )

Os moradores que estão morando nos lotes pagaram por eles, pois compraram de terceiros. Alguns chegaram a pagar por eles 1000 e/ou 2000 reais, noutros casos, quando existe casa(meia-água) pagaram cinco mil reais e até mais, embora essas avaliações sejam muito relativas. Neste caso, os interessados pelos terrenos negociam por eles na medida do que conseguiram economizar. A princípio pode parecer não ser oneroso o valor desses lotes, no entanto, para essas pessoas que não têm teto para morar e não contam com grandes recursos, é. Além disso, quando um lote é avaliado e/ou negociado num preço mais “acessível” aos compradores, isso geralmete é feito por pessoas mais simples e mais humilde do próprio bairro. Estes problemas são uns dentre outros existentes no Bairro Minas-Brasil, advindos da formação irregular dele. Eu compartilho da idéia de Soares quando diz que *“O crescimento da cidade, ocorreu neste período, sem nenhum planejamento, desordenadamente. A maioria de seus bairros nasceu ao “acaso”, fruto da especulação imobiliária. Foram ocupados não por sua melhor localização e infra-estrutura e sim porque os lotes eram vendidos com mais facilidades, portanto mais acessíveis ao poder aquisitivo da população existente.”*<sup>93</sup> E, por outro lado os proprietários de terrenos na cidade aproveitam da situação dessas pessoas que precisam de um teto para morar e sobreviver.

Já chegando agora às últimas linhas deste trabalho de monografia, gostaria de dizer que ao realizar esta pesquisa de campo, realizando várias entrevistas, eu me interessei por estas regiões ocupadas do Minas-Brasil. No entanto, devido a falta de experiência, eu tive alguns problemas técnicos com meu gravador e consequentemente com as minhas gravações, tais como, o volume muito alto do gravador,

---

<sup>93</sup> SOARES, Beatriz Ribeiro. *Habitação e produção do espaço em Uberlândia*. São Paulo. Dissertação de Mestrado em Geografia. 1998, p.38.

os ventos fortes nos locais das entrevistas que algumas vezes foram realizadas na rua, e também as pilhas do gravador que ficaram fracas, então todos esses fatores fizeram com que eu perdesse algumas entrevistas. No entanto, desde que eu resolvi desenvolver este tema no trabalho de monografia, eu senti por Deus mesmo, o propósito dele neste trabalho, eu só não sabia o que Deus queria realizar nele. Com isso, eu quero dizer que o andamento deste trabalho foi segundo o propósito de Deus e não meu. Por isso esta pesquisa foi até aonde Deus permitiu que ela fosse.

## Considerações Finais

Nas considerações finais deste trabalho de Monografia, como requisito para se adquirir o título de bacharel em História na Universidade Federal de Uberlândia, destaco a nossa formação teórica adquirida no curso de História e a nossa formação cultural, tudo isso, claro, refletiu no desenvolvimento deste trabalho. Sabemos que o curso de História da UFU iniciou-se na década de setenta, ou seja, é um curso novo: e essa é uma área que apresenta mais desafios que outras, devido à falta de interesse do brasileiro pela leitura, esse obstáculo com certeza tem dificultado o entrosamento/interesse da sociedade com esse tipo de conhecimento. Mas, há um entrave maior do que esse em nosso meio que precisa ser rompido: é o autoritarismo, a falta de diálogo de forma geral no corpo docente, e conseqüentemente no discente, e, inclusive a ausência de interdisciplinaridade na própria grade curricular do curso, o que também tem impedido de sairmos desse círculo vicioso. Além do mais, se existe muitos desafios ainda nessa disciplina, deduz-se que precisamos crescer ainda muito, no entanto, para isso ocorrer tem que haver mais diálogo, isto é, receber as críticas e pensar sobre elas. No entanto, como já dizia Billy Graham, é muito fácil culpar o governo, o sistema de ensino, a igreja, o lar, pelos nossos próprios erros.

No entanto, quando estava construindo este trabalho, pensei sobre o sentido desse fazer literário, isto é, para quem estava fazendo, que utilidade teria, o que seria feito com este trabalho depois da sua defesa. Acho que estes tipos de produção não deveriam ser engavetados; afinal ficaria sem sentido o meu esforço ao realizar um trabalho apenas para adquirir um canudo. Portanto, algo precisa ser mudado nesse sentido também. Mas, refletindo sobre a produção desse conhecimento, acredito que o motor dessa pesquisa foi a questão social, a injustiça praticada contra os moradores do antigo Minas-Brasil. Além disso, quando tomei conhecimento da existência dos documentos

referentes à história desse bairro, o meu interesse foi aguçado, pois eu o considerei mais que um ofício, foi (quem sabe) um dever e/ou uma questão de conscientização.

Este trabalho, considero que foi uma oportunidade, e eu gostei de fazê-lo; pois a construção dele foi muito gratificante embora tenha levado um certo tempo para construí-lo. Por outro lado, a partir de agora, a História do Bairro Minas-Brasil adquirirá mais visibilidade, isto é, ela terá mais possibilidade de ser conhecida pela sociedade e até pelos próprios moradores, e todos nós somos beneficiados com esse tipo de conhecimento(Monografias), pois neste caso, a temática abordada trata da história da nossa cidade. Além de estarmos repensando, rediscutindo preconceitos, arcaísmos, e outros entraves existentes na nossa formação social e cultural que refletem nas nossas ações, eles não nos impedem, de romper obstáculos, tais como, criar, construir, avançar em muitas coisas, como eu tinha me referido acima. Pois o conhecimento deve ter como função oferecer à sociedade oportunidade de crescimento intelectual, de reflexão social e de criação literária para que eles possam nos fazer sair do embrutecimento crítico.

Conhecer pressupõe sair da ignorância, da inércia e, dessa forma, em especial, a disciplina de História, nos dá visibilidade do que ocorreu, como ocorreu, o que pensávamos que estava ocorrendo, e não ocorreu, enfim, o que deve ser e talvez ainda não foi(onde estamos errando e o que precisamos melhorar). Pois o conhecimento é o diálogo entre teoria e pesquisa. E, ele está sempre em processo de construção. Daí a importância desse trabalho, pois este tipo de temática já vem sendo tratado pelos historiadores em Monografias e Dissertações de Mestrado, no entanto, esta Monografia traz outros pontos de vista e perspectivas de análise que ainda provavelmente não tinham sido trabalhados.

O conhecimento deve ser produzido de tal forma que seja uma criação e não uma reprodução do já existente, e nós aprendemos isso teoricamente. E, a teoria serve para nós dar um norte, e é também

inspiração para criarmos algo, para dialogarmos com o mundo à nossa volta e não só com nós mesmos(monólogo). Enfim, na construção desse trabalho, o conhecimento tomou forma tendo em mente estas questões acima. E, durante a pesquisa percebi que criar não é algo difícil, é um pouco trabalhoso, <sup>W10x72</sup> e também muito prazeroso.

Com relação a este trabalho, eram essas as considerações que faltavam para serem feitas. E, sobre esta pesquisa, trabalho ainda falta para ser feito, se não for por mim, pode ser uma dica para uma outra pessoa que possa vir a se interessar pela temática.

## Bibliografia

- VIEIRA, Maria do Pilar. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1989.
- LOWENTHAL, David. "Como conhecemos o passado". *Revista Projeto História*, n. 17, São Paulo; Educ, nov. 1998.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória*. São Paulo: Contexto, 1992.
- THOMPSON, Paul. "História Oral e Contemporaneidade", In: *Revista Projeto História*, n. 5, São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, Jun. 2002.
- TOMPSON, Alistair. "Recompondo a Memória". *Revista Projeto História - Ética e História Oral*. São Paulo: Educ, n. 15, abril/1997.
- KROURY, Yara Aun. "Narrativas orais na investigação da História Social", In: *Revista Projeto História*. São Paulo: Educ, n. 22, Junho/2001.
- ABREU, Maurício de Almeida. "O Crescimento das periferias urbanas nos países de Terceiro Mundo", In: PIQUET, Rosália e Ribeiro, Ana Clara Torres. *Brasil, território da desigualdade: descaminhos da modernização*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1991.
- PETUBA, Rosângela Maria Silva. *Pelo direito à cidade: Experiências e luta dos ocupantes de terra do Bairro Dom Almir – Uberlândia 1990-2000*. Dissertação de Mestrado, UFU, 2001.
- PORTELLI, Alessandro. "O que faz a História Oral diferente", In: *Revista Projeto História*. São Paulo: Educ, n. 14, fev. 1997.
- SÁ, Cláudio Oliveira Ribeiro de. *Autoconstrução e Assentamentos Urbanos em Uberlândia-MG: em questão o Bairro Dom Almir e Prosperidade*. Uberlândia: UFU, 1999 (monografia).
- SOARES, Beatriz Ribeiro. *Habitação e produção do espaço urbano em Uberlândia*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: FFLCH/USP, 1988.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. (Org.) *Usos e Abusos da história oral*. 5. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- REIS, Maucia Vieira dos. *Entre Viver e Morar: Experiências dos Moradores de Conjuntos Habitacionais - UDIA - 80 - 90*. Dissertação de Mestrado, Uberlândia: UFU, 2000.
- ALVARENGA, Nízia M. *As Associações de Moradores em Uberlândia: Um estudo das práticas sociais e das alterações nas formas de sociabilidade*. Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo, Junho de 1988.

MOREIRA, Helvécio Domingos. *Formação e Desenvolvimento dos Bairros Periféricos em Uberlândia*. UFU, Uberlândia-MG, 1991.

MEIHY. José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 2.ed. Revista e Ampliada. Edições Loyola. São Paulo. Maio de 1998.

DOS REIS, Sérgio Queiroz. *Um Olhar Sobre A (DES) Organização Do Espaço Urbano Em Uberlândia: Bairro Morumbi. 1991-2002*. Monografia, Uberlândia: UFU.

CASTRO, Ana Paula Cantelli. *Organização e Disputas Pelo Espaço Urbano: Uberabinha/MG ( 1890-1930 ) – Uberlândia, 2003*. Dissertação de Mestrado – UFU, Programa de Pós-Graduação em História.

## Fontes

### 1. Entrevistas:

Kamila Meirelle da Silva e Rafael Luiz Camargo: Nascida em 1989, tem 15 anos, ela veio de Jataí, Goiás, no ano de 2000, do Bairro Santa Rosa para o Bairro Minas-Gerais. Ela é moradora da Rua Silvio Romero n. 839. Esta pesquisa foi realizada em 20/08/2005.

Elizabete Andrade e Júlio César Andrade: Profissão: Trabalhava na roça. Natural de Lagoa Formosa, MG. É moradora da Rua Silvio Romero, n. 820, desde 2002. Pesquisa realizada em agosto de 2005.

Maria Lúcia Vieira Zanão. Profissão: Serviços Gerais. Natural de Cascalho Rico-MG. Ela veio para Uberlândia em 1970, para o bairro Industrial. É moradora da Rua Amaral Coutinho, n. 1819, no bairro Minas-Gerais. Pesquisa realizada em setembro de 2005.

Nadir Losada Barbosa. Data de Nascimento: 22/08/1958. Profissão: Doméstica e Costureira. Natural de Pirapora, MG. Depois migrou para Tupaciguara, para Uberlândia. É moradora da Rua Silvio Romero desde 2003 no bairro Minas-Brasil. Pesquisa realizada em agosto de 2005.

José Humberto. Nascido em 1964. Natural de Itapuirama, MG. Morou nos seguintes bairros em Uberlândia: Tibery, Operário, Tocantins, Santa Mônica, Aclimação, Ipanema e agora mora no bairro Minas-Gerais desde 2001. Pesquisa realizada em agosto de 2005.

Maria do Socorro Pena Martins. Natural de Araguari, MG. Ela mudou para o bairro Minas-Brasil em 1982. Trabalhou na Associação de Moradores do Bairro como Tesoureira. Pesquisa realizada em setembro de 2005.

Maria da Conceição de Freitas Ferreira. Profissão: Do Lar. Natural de Ituiutaba, MG. Veio para o bairro Minas-Brasil em 1977. Foi presidente da associação desse bairro. Pesquisa realizada em agosto de 2005.

Joaquim Lázaro: Nascido no ano de 1943. Natural de Pedrinópolis, município de Araxá, MG. Profissão: Lavrador. É um dos oito moradores mais antigos do bairro Minas-Brasil. Pesquisa realizada em agosto de 2005.

Hélio Antônio de Souza. Profissão: Pedreiro. Ele veio de Cruzeiro dos Peixotos, um distrito de Uberlândia. Ele mora na Rua Manoel Bacmam, n. 2036. Ele mora no bairro há 25 anos. Na região do Minas-Brasil há doze anos. Pesquisa realizada em setembro de 2005.

Eleci Teixeira de Barbosa. Natural de Campina -Verde, MG. Está morando no bairro há dezoito anos. Da rua Manoel Bandeira, ela passou a morar na rua

Silos. Neste local está morando uns nove anos. Pesquisa realizada em setembro de 2005.

Ilma Maria de Jesus. Data de Nascimento: 08/05/1961. Profissão: Doméstica. Natural de Dolores do Indaiá, próximo de Belo Horizonte. Ela está morando no bairro Minas-Gerais há dezesseis anos. É moradora da Rua do Paiol com a Betim Paes Leme, n. 1653. Ela foi presidente da Associação do Bairro na década de noventa. Pesquisa realizada em setembro de 2005.

Noemia Magdalena de Souza. Escolaridade: 5. Série. Profissão: Oficial de Cozinha. Natural de Patos de Minas, MG. Ela foi presidente da Associação em 1990. Morava na Rua da Safra n. 2067. Hoje mora no bairro Jardim América. Pesquisa realizada em setembro de 2005.

Sebastião Norte Fabiano. Nascido em 1928. Natural de Lagoa Formosa, MG. É um dos moradores mais antigos do bairro, pois está neste lugar há 26 anos. Pesquisa realizada em setembro de 2005.

José Brigido Costa. Morador do Bairro Lídice. Entrevista realizada em 10/09/2005.

José Ferreira da Silva(João Albino). Profissão: Carpinteiro. Hoje é aposentado. Natural de Lagoa Formosa, MG. Saiu desta região em 1979. Morou no bairro Jaraguá antes de vir para o Minas-Brasil. É o quarto morador do bairro. É morador da Rua Silvio Romero n. 1.170. Entrevista realizada em 17/09/2005.

Sirley Maria Mendes. Data de Nascimento: 22/07/1957. Moradora do Minas-Brasil desde 1995. Veio do bairro Dona Zulmira. Moradora da Rua da Safra, n. 2.016, da quadra 24. Pesquisa realizada em setembro de 2005.

Aparecida Pereira Carvalho. Data de Nascimento: 11/09/1957. Ela veio de Ituiutaba, MG. Em 1991 ela veio para Uberlândia, para o bairro Minas-Gerais. Ela trabalhava como cortadora de cana na lavoura. Pesquisa realizada em setembro de 2005.

Abadia Gonçalves Ávila. Natural de Uruana, Goiás para Lagoa Formosa, para o Minas-Brasil, em 1980. Moradora da Rua Manoel Bacman, n. 1006. Pesquisa realizada em agosto de 2005.

## 2. Documentos Oficiais:

- ❑ Ata da Associação de Moradores do Bairro Minas-Brasil. 1986 -1996.
- ❑ Ata da Associação de Moradores do Bairro Umuarama II. 1990.
- ❑ Ata da Associação de Moradores do Bairro Minas-Gerais.1998 e 2002-2005.
- ❑ Prefeitura Municipal de Uberlândia, Laudo do processo 23.921 referente a ação de desapropriação movida pelo Município de Uberlândia contra João Lopes e sua mulher e outros(Sobre a titularidade da antiga região do Minas-Brasil). 05/09/1986.
- ❑ Prefeitura Municipal de Uberlândia. Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Urbano. Relatório Loteamento Minas-Brasil. SEDUR, 2002.
- ❑ Prefeitura Municipal de Uberlândia. OF. PGM. N. 149/86. Uberlândia, 02 de outubro de 1986.
- ❑ Ofícios, Contratos e Correspondências referente ao bairro Minas-Brasil.

## 3. Jornais:

- ❑ Jornal Correio de Uberlândia, março de 1989.
- ❑ Jornal Correio de Uberlândia, dezembro de 1989.
- ❑ Jornal Correio de Uberlândia, novembro de 1992.
- ❑ Jornal Correio de Uberlândia, junho de 200
- ❑ Jornal Correio de Uberlândia, setembro de 2002.
- ❑ Jornal Participação, outubro de 1984. De Uberlândia, MG.

- Jornal Primeira Hora, 1988. De Uberlândia, MG.
- Informativo da Associação de Moradores do bairro Minas-Gerais, dezembro de 2004. De Uberlândia, MG.
- Idem, idem, dezembro de 2002.

#### 4. Mapas:

- Localização do Bairro Minas-Gerais, Guia Sei, 2006 -2007.
- Localização do Bairro Minas-Gerais. Prefeitura Municipal de Uberlândia - MG. Secretaria de Urbanismo. Setembro de 2005.

#### 5. Fotografias( acervo da autora):

- Foram feitas várias fotografias retratando as desigualdades sociais, as condições de vida dos seus moradores, as conquistas para o bairro e o espaço urbano da antiga região do Minas-Brasil, hoje parte do Bairro Minas-Gerais – Uberlândia, M-G. Em 25/07/2006 e 04/09/2006.